

CURSO EM IGUALDADE DE GÉNERO E EMPODERAMENTO DAS MULHERES EM CONTEXTO DE EMERGÊNCIA CLIMÁTICA



ORGANIZAÇÃO:



APOIO FINANCEIRO:



**Projecto: Contribuir para a defesa, garantia e
exercício de uma vida livre de violência das
mulheres de Maputo - Fase III**

FICHA TÉCNICA:

ENTIDADES ORGANIZADORAS:

Fórum Mulher e **medicusmundi**

AUTORAS: Teresa Cunha, Nzira de Deus e

Djamila Andrade

TÍTULO: Manual de Formação

Curso em Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres em Contexto de Emergência Climática

ENTIDADE COLABORADORA:

Escola de Activismo em Saúde / Aliança para a Saúde

COPYRIGHT ©: Todos os direitos reservados. Portanto, o conteúdo desta obra pertence única e exclusivamente às suas autoras. Esta publicação não poderá ser reproduzida, na sua totalidade ou em parte, independentemente do formato ou meio, seja este electrónico, mecânico ou óptico, para qualquer propósito, sem a devida autorização expressa, por escrito, do seu autor, bem como das direcções executivas do Fórum Mulher, da **medicusmundi** e da entidade contratada para a execução deste serviço (MSMD – CONSULTORIA & SERVIÇOS, E.I.).

FOTO DE CAPA: Grupo de Mulheres de Partilha de Ideias de Sofala. Congresso Mundo de Mulheres. Maputo, setembro 2022

1ª Edição: Maio de 2023

COM APOIO FINANCIERO DE:

Agência Catalã de Cooperação para o Desenvolvimento (ACCD)



*Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da Agência Catalã de Cooperação para o Desenvolvimento (ACCD) no âmbito do projecto "Contribuir para a defesa, garantia e exercício de uma vida livre de violência das mulheres de Maputo – Fase III". O conteúdo desta publicação é da responsabilidade exclusiva das suas autoras, da **medicusmundi** e do Fórum Mulher, e não reflecte necessariamente a opinião da ACCD nestas matérias.*

Índice

Introdução	5
Módulo 1	
Criando comunidade de aprendizagem: Sumário e Roteiro	8
Módulo 2	
Caminhos de empoderamento das mulheres: Sumário e Roteiro	15
Módulo 3	
Emergências climáticas: causas e consequências: Sumário e Roteiro	24
Módulo 4	
Violências e metodologias sensíveis aos conflitos: Sumário e Roteiro	32
Módulo 5	
Avaliando o processo e os resultados: Sumário e Roteiro	41
Biblioteca	48

Manual de Formação

Curso em igualdade de género e empoderamento das mulheres em contexto de emergência climática



1

Criando uma comunidade de aprendizagem



2

Caminhos de empoderamento das mulheres



3

Emergências climáticas: causas e consequências



5

Avaliando o processo e os resultados



4

Violências e metodologias sensíveis aos conflitos

Introdução

O Tema do Curso: Igualdade de Género e empoderamento das mulheres em contexto de emergência climática

Já ninguém duvida que estamos a viver uma **emergência climática** a nível global. Por outras palavras, o modelo de desenvolvimento que a humanidade, em, geral tem vindo a seguir baseia-se: na destruição da biodiversidade, dos ecossistemas e das grandes florestas do planeta; na extracção dos hidrocarbonetos e no consequente lançamento de gases altamente tóxicos e em grandes quantidades na atmosfera; promove as monoculturas e o uso indiscriminado de venenos de todo o tipo e modifica geneticamente as sementes com graves riscos para a saúde pública; promove o consumismo desenfreado como se os recursos fossem infinitos; reforça as desigualdades sociais, o fosso entre os mais ricos (1% da humanidade) e as pessoas mais empobrecidas (99% da população do mundo) como se os benefícios fossem direito de apenas uma pequena elite. Por outro lado, este modelo de desenvolvimento não se poderia sustentar sem o trabalho não-pago da maioria das mulheres do mundo, sem a sua discriminação em todas as esferas da vida (doméstica, comunitária, institucional) e sem a exploração dos seus corpos e mentes. O conjunto articulado de todos estes processos de exploração e opressão são **as causas profundas das alterações climáticas** e é por isso que os desastres e as catástrofes a que assistimos como ciclones, cheias, secas, incêndios, são tudo menos naturais: elas são causadas pela ação da humanidade, especialmente dos homens que, são ainda, quem governa o mundo. Neste aspecto não existem governos inocentes (do Norte e do Sul) se não tiverem coragem de mudar, de facto, o rumo das coisas pondo a sua prioridade no Bem-Viver das suas populações e territórios e se não se procurarem organizar em alianças inter-estatais para exigir que as causas profundas das mudanças climáticas e das injustiças sociais sejam travadas.

Deste modo, não é de admirar que as catástrofes se sucedam cada vez mais e com mais regularidade e com mais intensidade criando enormes crises humanitárias e emergências relacionadas com a mitigação dos seus impactos e do apoio à possível recuperação dos meios de vida das populações afectadas. Porém, já sabemos que sem **uma mudança drástica no nosso modo de viver e de gestão justa e equilibrada dos recursos** que temos à nossa disposição (água doce, oceanos, ar, minerais, alimentos, energia, trabalho, entre outros) o cenário global tende a piorar e tendo cada vez mais consequências funestas nas regiões do mundo mais vulneráveis e com menos capacidade de protecção dos seus territórios e populações como é o caso de Moçambique.

Quando o desastre acontece: uma cheia que destrói casas, machambas, estradas, escolas e a água leva tudo; ou quando o ciclone chega com toda a fúria do vento e da chuva, a emergência climática está instalada e, com ela, aumenta a fome, as doenças, a pobreza e, sobretudo aumentam, todo o tipo de violências contra as mulheres e raparigas. Em muitos lugares elas são as responsáveis por alimentar as suas famílias e na ausência das suas machambas e das florestas vem a fome e com ela mais conflitos e mais violência. **Elas são as últimas a comer**, quando há comida; elas são as que **não irão à escola**; elas são as que não podem nem deixam as/os filhas/os para trás e **assumem sozinhas o seu sustento**; elas são as que mais quilómetros andam para encontrar e acarratar água arriscando-se a serem assaltadas e até estupradas; elas **são obrigadas a casar-se** para aliviar a carga da família mesmo que não o desejem. O que significa para nós mulheres a emergência climática, é, em grande medida, um factor de maior **vulnerabilidade à doença, à discriminação, às violências, à exploração dos nossos corpos e trabalho**.

É sobre tudo isto que nos interessa debater e aprender neste Curso de Formação criando uma comunidade de aprendizagem e de práticas que nos fortaleça agora e no futuro para sermos sujeitas/os da nossa história, cidadãs/ãos do nosso país e criadoras/es de um futuro para todas/os hoje e no futuro.

A abordagem metodológica: Educação Popular Feminista

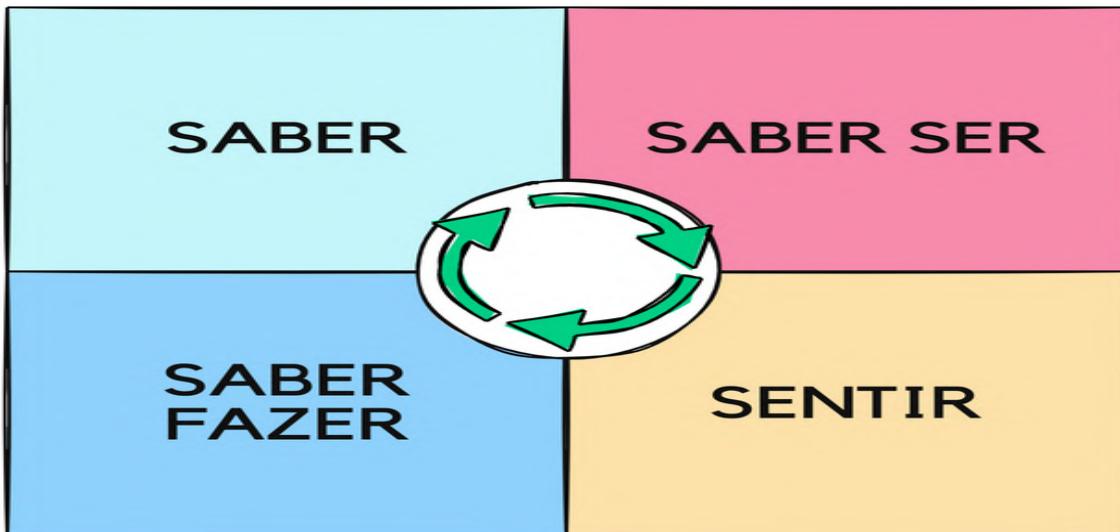
Um Curso de Formação com uma abordagem de **Educação Popular Feminista** apresenta algumas características que lhe são próprias.

- A primeira é a sua lógica de **baixo-para-cima** e de **dentro-para-fora**, isto é, é um projecto formativo que parte de duas ideias fundamentais que são: (1) todas e todos temos conhecimentos e todos esses conhecimentos são úteis e necessários; (2) todas as acções de educação, formação e capacitação devem ser conduzidas para sermos capazes, pessoal e colectivamente de ler o nosso mundo para o transformar, isto é, transformar a opressão em emancipação, a injustiça em justiça, o machismo em justiça sexual e de género, a exploração em dignidade humana e direitos, o silenciamento em voz própria. A segunda característica desta abordagem tem que ver com a necessidade de compreender os mecanismos materiais, simbólicos e culturais que fazem com que as mulheres sejam as mais pobres, as mais discriminadas e as mais violentadas. Isso serve-nos para desnaturalizar esses mecanismos e comportamentos a partir de dentro da cultura e do dia-a-dia em que vivemos para podermos propor alternativas e disputarmos, não apenas o lugar de todas na sociedade e na história, mas também fazer com que as suas vozes sejam ouvidas, respeitadas e valorizadas. Por outras palavras, nenhuma transformação pode realmente acontecer se não formos **todas livres de todas as violências, discriminações e exploração**.

- A segunda característica importante é o tipo de interacção que se estabelece entre todas as pessoas que participam na formação/capacitação. As relações têm que ser pautadas por respeito mútuo, atenção, delicadeza de todas e todos para todas e todos. Isto significa criar um **ambiente democrático e crítico** que é a primeira condição para construir uma **comunidade de aprendizagem e de práticas** onde todas e todos se estimam, participam e valorizam as trocas e os contributos de todas e todos para que, como comunidade, possamos crescer juntas/os e nos apoarmos tanto no momento da formação como no futuro. O contacto pessoal baseado na escuta respeitosa é fundamental. Assim sendo, o desenho dos instrumentos e pedagogias utilizadas, que é planificado e realizado antes do Curso começar, tem que ter margem para uma adaptação/flexibilização das metodologias e conteúdos para responder melhor às expectativas e necessidades das/os formandas/os caso seja assim considerado. Participação, colaboração e espírito crítico são, assim, palavras-chave nesta abordagem.

- As pessoas **não são apenas cabeça nem se aprende só com o cérebro**. Ao contrário, cada pessoa e cada sociedade aprende através da integralidade dos seus corpos: mente, emoções, mãos, comportamentos, o convívio entre todas e todos. Assim, um processo formativo participativo e colaborativo deve centrar as aprendizagens na intersecção entre o nível **cognitivo, o nível emocional, o nível prático e o com-viver** ou viver com. Isto tem como consequência a utilização de várias linguagens e metodologias que mobilizam a visão, o tacto, a audição, a percepção, a intuição, o entendimento, a emoção. Uma das principais reivindicações feministas é o direito ao seu próprio corpo que sente, sabe e faz e a Educação Popular ensina-nos que ninguém aprende sozinha/o mas **aprendemos em comunhão** com as outras pessoas e no convívio democrático e respeito com todas e todos. Isto tem consequências na forma como se pensa e se faz a avaliação do processo e dos resultados. Por outras palavras, procura-se construir, não apenas a construção de uma comunidade de aprendizagem e de práticas qualquer, mas usando um conjunto de ferramentas de **avaliação que integre elementos qualitativos e quantitativos** e seja uma oportunidade para exercitar o saber, o saber fazer, o saber ser e o sentir, porque todas essas competências são essenciais a qualquer formação de qualidade.

APRENDIZAGEM



TUDO CONTA NUMA FORMAÇÃO DE QUALIDADE

A estrutura do Manual de Formação

Este Manual de Formação está estruturado por cinco (5) módulos de formação correspondentes ao Plano de Formação. Cada um dos Módulos apresenta-se da seguinte maneira:

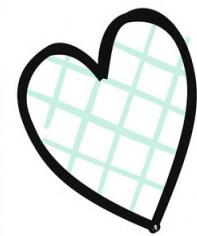
- (1) Uma página com o sumário de todos os elementos principais: título, objectivos, apresentação e duração.
- (2) O Roteiro Pedagógico do Módulo mostrando cada um dos passos para a realização do processo de formação correspondente.
- (3) Uma introdução ao tema do Módulo a ser utilizado para realizar a devida contextualização dos problemas a tratar fazendo as devidas articulações temáticas entre os vários Módulos.
- (4) O passo-a-passo de cada actividade a desenvolver o que inclui a descrição das metodologias, conteúdos e ferramentas e instrumentos de trabalho.

Como qualquer Manual de Formação deve ser encarado como uma ferramenta de apoio e não como uma norma a seguir como se *one size fits all*. Este Manual pretende ser adequado para diversas equipas de formação que o utilizarem de modo que, a partir dele, possam elaborar os seus planos de formação e capacitação de forma mais adaptada aos temas, públicos, condições de trabalho com que tiverem de trabalhar.

Bom trabalho!
Estamos juntxs!

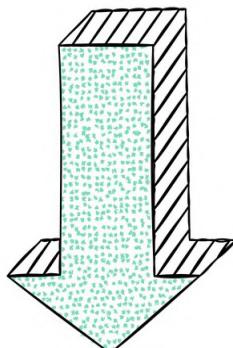
Módulo 1

Criando comunidade de aprendizagem



DURAÇÃO DO MÓDULO

6h presenciais + 6h em casa



PASSO A PASSO

SUMÁRIO



Objectivos

- 1- Criar uma comunidade de aprendizagem sobre o tema geral do Curso de Formação;
- 2- Apresentar o plano de formação, os seus conteúdos, as suas metodologias e o método de avaliação
- 3- Desenvolver uma abordagem de formação participativa, reflexiva e colaborativa

Apresentação



Neste módulo, além da apresentação do curso (objectivos, estrutura, conteúdos, as metodologias e avaliação), apresenta-se a equipa de formação, as/os formandas/os e trabalham-se tanto as capacidades presentes no grupo como as expectativas e as necessidades de formação.

Neste Módulo vai-se colocar em evidência o importância social, pedagógica e de aprendizagem da reflexividade em processos formativos utilizando duas ferramentas para esse propósito: as cartografias e o portfólio.

ROTEIRO DO MÓDULO

01

02

03

04

05

RODA DE
APRESENTAÇÃO
COM RECURSO
AO
TROMBINOSCÓPIO

INTRODUÇÃO
E
APRESENTAÇÃO
DO CURSO

OFICINA DE
CARTOGRAFIA

APRESENTAÇÃO
DAS
CARTOGRAFIAS
E
RODA DE CONVERSA

TRABALHO
PARA
CASA
TPC

RODA DE APRESENTAÇÃO COM RECURSO AO TROMBINOSCÓPIO

Começa-se a sessão com uma roda de apresentação das pessoas participantes. Esta roda de apresentação tem dois objectivos principais:

- 1- Criar um ambiente de aproximação entre as pessoas, de confiança e de conhecimento mútuo;
- 2- Tornar a atmosfera de trabalho amigável e descontraída;

PASSO-A-PASSO DO TROMBINOSCÓPIO

- ▷ Pede-se às pessoas que formem um par com a pessoa que está ao seu lado.
- ▷ Cada pessoa deve desenhar o retrato do seu par sem olhar para o papel (aqui começam os risos)
- ▷ No final, quando cada pessoa tiver o retrato do seu par completo podem olhar (aqui continuam os risos) mas não podem retocar a imagem.
- ▷ A seguir cada uma/um faz uma curta entrevista ao seu par e vai anotando as respostas na folha de papel junto ao retrato. A entrevista pode ter um guião como o seguinte:
 - Qual é o teu nome completo?
 - Onde vives?
 - O que mais gostas de fazer ao fim de semana?
 - Qual a tua cor preferida?
 - Qual é o teu maior sonho?
 - Porque estás neste Curso de Formação?
- ▷ Uma vez terminadas as entrevistas, passa-se à apresentação em roda. Cada pessoa apresenta o seu par mostrando o retrato e as respostas dadas durante a entrevista até se ter completado a roda

DURAÇÃO Depende do número de pessoas, mas deve-se prever para um grupo de 25 participantes cerca de 45' a 1 hora



INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DO CURSO

Introdução

Com este Curso de Formação temos como finalidade não apenas tratar os temas e conteúdos definidos como prioritários, mas também criar uma Comunidade de Aprendizagem e de Práticas para permitir a sustentabilidade do processo. Uma Comunidade de Aprendizagem e de Práticas é uma metodologia que reúne um conjunto de pessoas que se dispõem a aprender juntas para a transformação social e cultural envolvendo diversos tipos de actores, activistas, formadoras/es, lideranças, em torno de interesses comuns. É também um processo de trocas de práticas entre um grupo de pessoas que se unem em torno de um mesmo tópico ou interesse. Essas pessoas trabalham juntas para pensar e identificar práticas e definir estratégias e acções que visam melhorar o que fazem e contribuir para a resolução de problemas existentes na comunidade.

Por outro lado, este Curso de Formação está baseado numa Educação Popular Feminista que é uma intervenção social e educativa com um horizonte político: a transformação democrática e inclusiva da nossa vida e da nossa sociedade. Ela recorre a múltiplos saberes e competências e procura devolver ou fazer emergir uma energia que suscite uma vida mais saudável e mais justa para todas as pessoas e comunidades. A Educação Popular Feminista existe para injectar esperança e auto-estima sem os quais a vida se torna impossível de ser vivida. A Educação Popular Feminista é um conjunto de acções que alimentam a vontade de viver e de viver bem, consigo e com todas as demais pessoas e criaturas. Com isto queremos a democratização radical de todos os conhecimentos que estão disponíveis e sejam úteis para transformar o mundo de forma justa e verdadeiramente inclusiva. Todas/os sabemos que aprender e ensinar não são coisas neutras. Ensina-se e aprende-se a democracia como se ensina e aprende o autoritarismo e a subserviência. Ensina-se e aprende-se a autonomia e a auto-estima como se ensina e se aprende a subserviência e a ignorância arrogante.

A Educação Popular não pode prescindir de uma racionalidade Feminista, ou seja, aquela que não exclui em função do sexo e do género. Neste sentido, uma Educação Popular Feminista é um instrumento potente para a alteração das relações desiguais de poder entre mulheres e homens, entre elites e a comunidade através da democratização das subjectividades, da desconstrução e da desnaturalização das hierarquias de género e da experimentação de novos espaços e modos de cidadania fundados na ideia de que a Humanidade é, constituída por mulheres e por homens e demais identidades sexuais existentes. A cidadania só pode ser praticada e assumida na sua plenitude através da recusa dos danos provocados pelo sexism e o machismo, seja na esfera privada, seja na esfera pública, tanto na linguagem como na política ou na educação.

Este Curso de Formação está estruturado de forma a atingir três **OBJECTIVOS ESPECÍFICOS**:

A nível educativo

Proporcionar um processo de aprendizagem pessoal e colectivo (comunidade de aprendizagem e de práticas) com uma abordagem isomórfica capaz de capacitar as/os formandas/os para utilizar posteriormente estas e outras metodologias e tratar e aprofundar os conteúdos;

A nível social

Desenvolver um espaço formativo para a transformação social abordando e tratando conteúdos e problemáticas contemporâneas de enorme interesse e urgência social para o contexto moçambicano;

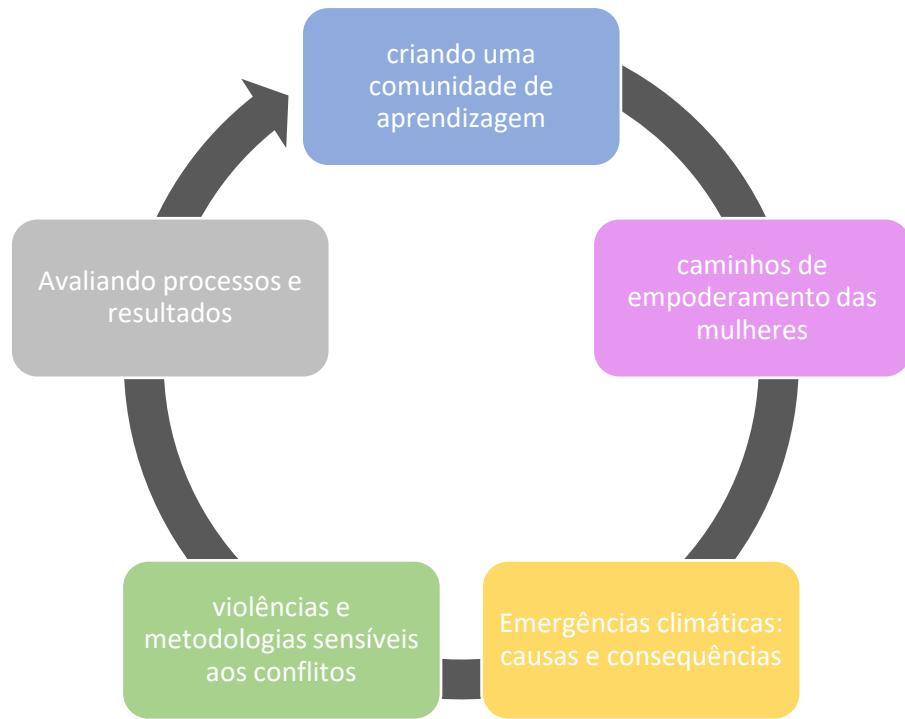
A nível político

Ampliar a consciência da necessidade de agir pelas transformações necessárias a nível dos comportamentos e ser capaz de imaginar acções inovadoras de advocacy pela efectiva ausência de violência na vida das mulheres e raparigas e combater as causas dos desastres climáticos

A **ABORDAGEM METODOLÓGICA** está baseada na Educação Popular Feminista criando espaços colaborativos e participativos de construção de conhecimentos usando diversas ferramentas tais como: rodas de conversa, cartografias reflexivas, leituras individuais e colectivas, partilha de experiências, elaboração de fichas de leitura, visionamento de vídeos, oficinas, *photovoice* – fotografias que falam, vitaminas, bibliotecas vivas, inputs conceptuais, TpC, elaboração de portfólios.

Por outro lado, são igualmente importantes tanto as sessões de trabalho colectivo como as horas de trabalho individual distribuídas em partes iguais. Este modelo permite trabalhar, permanentemente, o comprometimento e a responsabilidade contínua de cada participante

O Curso de Formação tem uma estrutura pedagógica em que cada módulo retro-alimenta o seguinte num ciclo de formação coerente. O seguinte diagrama pretende representar o processo metodológico:



A **AVALIAÇÃO** do curso está desenhada para atender a três critérios:

CONTÍNUA – ao longo do processo há vários momentos de avaliação;

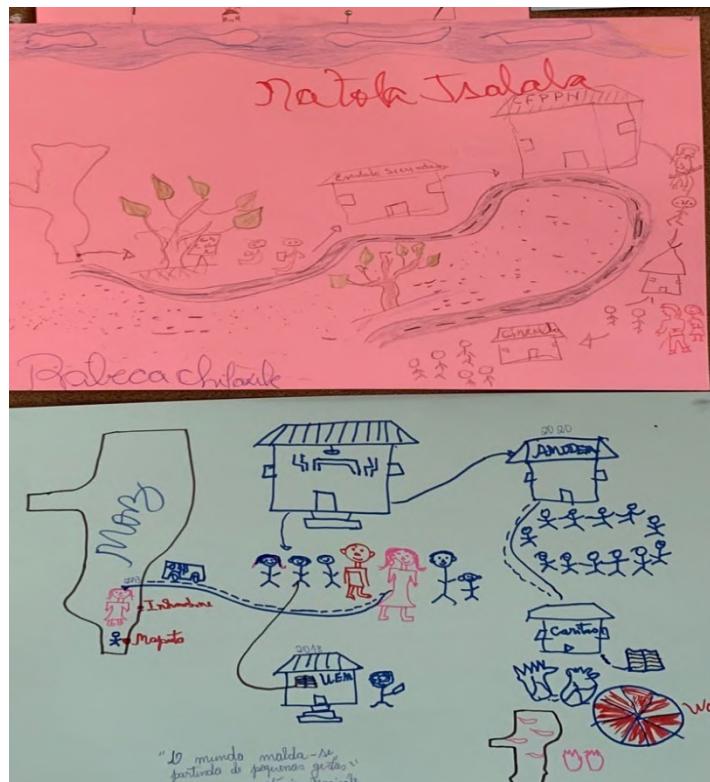
REFLEXIVA – várias tarefas reflexivas como os TPC e o portfólio são processos de auto-avaliação e de avaliação das respostas às expectativas de formação;

QUALI & QUANTI – ter elementos qualitativos que não são generalizáveis, mas dirigem-se à dimensão da profundidade da avaliação e elementos quantitativos mensuráveis e extrapoláveis do individual para o colectivo;

Oficina DE CARTOGRAFIA

As **CARTOGRAFIAS REFLEXIVAS** são um método pedagógico que usa vários tipos de linguagem para mapear sentimentos, identidades, territórios e a nossa compreensão deles. São usadas para permitir pensar desde o lugar donde vemos e pensamos o mundo usando estratégias visuais como o desenho ficando, no final, com uma imagem organizada sobre aquilo que reflectimos.

Algumas imagens de cartografias sociais e reflexivas:



Nesta oficina vamos trabalhar, num primeiro momento, o conceito de cartografia reflexiva e de cartografia social e o seu valor para a aprendizagem e para a consciencialização do lugar – material e mental – donde vemos e pensamos o mundo.

Explica-se que tal como todos os outros mapas estes servem para duas coisas principais:

- primeiro mostrar-nos os caminhos percorridos, de onde partimos e onde queremos chegar;
- segundo permitir uma visão de conjunto desses caminhos descontinuando o que nos impulsiona a fazê-los, as suas paisagens humanas e sociais, as relações que se estabelecem para fazer esses caminhos...

Reforça-se a ideia de que não são precisas habilidades de desenho especiais, mas sim a vontade de pensar de registar de forma diferente (cartográfica) as suas capacidades, expectativas e necessidades de formação.



Termina-se a Oficina com uma Roda de Conversa na qual as/os participantes apresentam ao colectivo as suas cartografias individuais, colocam dúvidas e fazem mutuamente comentários construtivos sobre os resultados conseguidos.



Finaliza-se o Módulo com a consensualização e explicação das tarefas implicadas nos trabalhos para casa – **TPC**

- 1- Finalizar a **cartografia individual** sobre as suas capacidades, expectativas e necessidades de formação incluindo um texto de 150 palavras sobre a importância deste exercício para o processo de aprendizagem e de formação pessoal e social
- 2- **Ler o texto obrigatório:** Cunha, Teresa (2008), "Contributos para pedagogias não sexistas e uma cultura de paz na educação", in Teresa Cunha e Sandra Silvestre (org.), Somos diferentes, somos iguais: diversidade, cidadania e educação. Coimbra: AJP, 119 - 140. e fazer a sua **Ficha de Leitura** de uma página com a seguinte estrutura:

O que deve ter a Ficha de Leitura



- 1- Título e nomes das autoras do texto
- 2- Principais ideias do texto
- 3- O que aprendi com a leitura deste texto
- 4- Data e nome da/o autora/or da Ficha de Leitura

O que é e para que serve o Portfólio

Um Portfólio educativo/formativo é um conjunto sistematizado de diversos tipos de documentos (escritos, desenhos, fichas de leituras, fotos, hiperligações, entre outros) que mostram e registam o caminho percorrido num processo de aprendizagem.

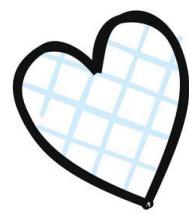
Portofólio pode ter vários tipos de suporte: pode ser feito com base em papel; poder ser digital; pode ser um documentário. O suporte bem como a estética de apresentação é da responsabilidade da/o sua/seu autora/or. Quanto mais criativo e completo for o Portfólio mais importante ele é para a auto-aprendizagem e avaliação do processo

Estrutura do Portfólio

- 1- Cartografia sobre de onde vimos, para onde queremos ir, a motivação para frequentar este Curso e sobre as suas capacidades, expectativas e necessidades de formação
- 2- Ficha de leitura do texto obrigatório do módulo 1 (pode ser escrita, desenhada, com colagens ou fotografias legendadas)
- 3- Ficha de leitura do texto obrigatório do módulo 2 (pode ser escrita, desenhada, com colagens ou fotografias legendadas)
- 4- Texto de 150 palavras sobre o tema do módulo 3
- 5- Ficha de leitura do texto obrigatório do módulo 3 (pode ser escrita, desenhada, com colagens ou fotografias legendadas)
- 6- Carta ao Ministro da Agricultura e do Desenvolvimento de Moçambique Celso Correia sobre os problemas vividos e as demandas ao governo
- 7- Ficha de avaliação final do Curso

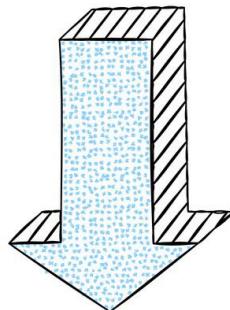
Módulo 2

Caminhos de empoderamento das mulheres



DURAÇÃO DO MÓDULO

6h presenciais + 6h em casa



PASSO A PASSO

SUMÁRIO



Objectivos

- 1- Trabalhar e aprofundar conceitos como: machismo, sexismo, divisão sexual do trabalho, preconceitos, estereótipos, masculinidade, feminilidade, determinantes sociais de saúde e género;
- 2- Identificar no quotidiano a cultura sexista e machista que alimenta a discriminação e a subalternidade das mulheres e raparigas;
- 3- Perceber e praticar ações e elaborar contra-discursos não sexistas;

Apresentação



Neste módulo, vamos aprofundar e clarificar conceptualmente ideias e categorias que estão na base da cultura de desigualdade de género prevalecente na sociedade. Fazemos esse exercício através de um percurso na cidade utilizando a ferramenta do photovoice e também através da análise de uma estória/poema/canção de música conhecida. Em seguida fazemos uma actividade de desconstrução dos sexismos e machismos implícitos na cultura do quotidiano e reconstruímos os de forma a torná-los amigáveis da igualdade de género e dos direitos humanos das mulheres.

ROTEIRO DO MÓDULO

01

02

03

04

05

Oficina de
Photovoice
nas ruas:
onde está o
machismo?

Roda de conversa
sobre resultados
do photovoice
e com inputs
sobre conceitos

Oficina de escrita
inclusiva e pelo
empoderamento
das mulheres

Roda de conversa
para apresentar e
os resultados
da oficina

Trabalho
para
casa
TPC

Introdução

Apesar de, na sua origem, o conceito de Género ter sido formulado pelos movimentos feministas para servir as lutas de emancipação e de igualdade entre mulheres e homens, temos assistido, nas duas últimas décadas, à cooptação da palavra e do conceito para outros fins que nada têm que ver com a igualdade de género, o empoderamento das mulheres e das raparigas e as transformações sociais pelas quais gerações de feministas têm vindo a lutar por todo o mundo.

Assim, é importante sublinhar que o conceito de Género é uma ideia em permanente construção pois, referindo-se a relações sociais construídas em torno das identidades sexuais, precisa levar em consideração os contextos, a história, os territórios e os corpos que são marcadas por eles. Neste sentido, é um conceito complexo e que pode assumir variados significados segundo a sociedade e a cultura onde ele é gerado e utilizado. Assim, dever-se-á ter em consideração que não existe um conceito universal de Género que possa ser pensado independentemente do espaço e do tempo. A sua complexidade advém, pois, da sua capacidade de se transformar dentro de cada cultura assumindo prioridades diversas, formas de o explicar variadas e práticas e expectativas sociais diferentes.

O Género e a Igualdade de Género são conceitos criados originalmente pelos movimentos sociais feministas que permitem perceber a construção social dos corpos e das diferentes identidades sexuais e, correspondentemente, dos papéis, comportamentos e estatutos que lhes são atribuídos por uma determinada sociedade, num determinado período histórico. É uma forma de dar significado concreto às relações de poder desigual existentes e, também, às resistências levadas a cabo contra as opressões. A Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres é um terreno de permanente disputa para ultrapassar o sistema de privilégios constituído e que discrimina, vulnerabiliza, desvaloriza e silencia a grande maioria das mulheres do nosso mundo.

Desde o início do século XXI que se tem uma consciência cada vez mais aguda sobre o aprofundamento das desigualdades estruturais no mundo. O slogan ***we are the 99%*** que foi lançado pelo movimento *Occupy* em 2011 nos Estados Unidos da América, pretende demonstrar isso mesmo: 1% da população mundial usufrui do bem-estar e das riquezas produzidas no mundo contra os outros 99% que vivem sem poder desfrutar dos benefícios que o seu próprio trabalho gera. Em termos comparativos podemos constatar que para o continente africano, o Índice de Desenvolvimento Humano referente a 2020 mostra que, dos 53 países analisados, 44 estão classificados como tendo um índice médio ou baixo de Desenvolvimento Humano (IDH). Além disso, estes regimes e as suas correntes de pensamento político têm servido para justificar práticas culturais, sociais e económicas de desmonte de direitos e garantias que colocam em causa muitos dos ganhos conseguidos no século XX no que respeita à justiça social e aos níveis de igualdade e inclusão das mulheres e da comunidade LGBTQ+. O Género tem ainda sido utilizado para reforçar políticas de austeridade e de empobrecimento, sobretudo das raparigas e das mulheres e ainda todo os demais seres que se representam como femininos.

Por outro lado, as políticas de cooperação ao desenvolvimento, levadas a cabo pelos países do norte global, em geral adoptam o Género como um requisito central para acesso e usufruto dos benefícios postos à disposição dos países do sul global. Isto significa, na maioria das vezes, que as organizações e instituições que apoiam devem fazer prova da ‘sensibilidade ao género’ e de promoção da Igualdade de Género nas suas políticas e orçamentos. Devem estar disponíveis para mudar os parâmetros da sua retórica incluindo nela a Igualdade de Género e outras expressões idênticas que passam a ser princípios abstractos e sem qualquer potência transformadora.

É claro, nem todas as mulheres e raparigas sofrem com a mesma intensidade, nem enfrentam em igualdade de condições, os efeitos das opressões e das violências que os desastres climáticos, as guerras e o machismo geram. A experiência milenar das mulheres tem-nos ensinado que não importa a crise, a calamidade ou a tragédia, são elas sempre as mais atingidas, as menos protegidas e as que menos são ouvidas.

Nas nossas sociedades há uma desvalorização sistemática dos trabalhos das mulheres e raparigas, sobretudo os do cuidado, realizados a nível da família e da comunidade. No entanto, estes trabalhos são responsáveis por gerar uma imensa economia não-remunerada e não-monetária, mas que nunca cessa. Está comprovado que esta economia, produzida por estes trabalhos das mulheres e raparigas é, três vezes superior, à de todo o sector tecnológico no mundo. Por outro lado, é necessário não esquecer quando falamos de Igualdade de Género e das nossas lutas pelo empoderamento das mulheres que grande parte da acumulação de riqueza do 1% das pessoas mais ricas do planeta não seria possível sem o trabalho não-pago das mulheres e das raparigas.

O conceito de interseccionalidade permite apreender a articulação de múltiplos eixos de desigualdades que se cruzam e se acumulam formando formas específicas de discriminação das mulheres. Tem sido utilizado para compreender como a intersecção de diferentes factores, como a raça, escolaridade, classe social, literacia, sexualidade, religião, aparência física, criam camadas de opressão ou de privilégios que são experimentados ou vividos por cada uma/um de nós. Contudo, a interseccionalidade deve ser compreendida para além das nossas experiências individuais sujeitas a múltiplas justaposições de factores e aspectos que influenciam a nossa vida diariamente.

O patriarcado e as desigualdades adquirem muitas formas e matizes dependendo da história e dos contextos concretos em que se manifestam. No entanto, é fácil de constatar a sua existência e força nas mais diversas normas culturais, nas letras das canções, nas estórias orais, na literatura, nos discursos políticos ou na publicidade que se repete vezes sem fim nas televisões ou na rádio. Por outro lado, o colonialismo português, a que Moçambique esteve sujeito durante séculos, serviu-se da ideologia dos privilégios masculinos exclusivos existentes e praticados as elites locais, para aumentar e manter o seu poder à custa da vida, do trabalho e dos corpos das mulheres. Isso criou o lastro social para que o patriarcado já existente nas culturas de Moçambique se enraizasse e se reforçasse. Por isso, uma observação atenta da realidade mostra que muitas facetas do colonialismo permanecem activas. Muitas das relações de tipo colonial, como o trabalho escravo, continuam a existir em muitos lugares do mundo. Isto também fica bem manifesto na forma como continuam a proliferar, nas práticas culturais contemporâneas sob o argumento de autenticidade africana, as crenças da superioridade masculina na vida privada, comunitária e pública e como isso tem conduzido à multiplicação de crimes contra a vida e a dignidade de muitas mulheres de todas as idades no nosso país. Por fim, o capitalismo, como um sistema económico dominante nos últimos três séculos inventou uma certa ideia de divisão sexual do trabalho que naturaliza o que é das mulheres e o que é dos homens. Para o capitalismo foi necessário inventar a mulher como 'dona de casa', responsável pelo cuidado e pela infra-estruturação da vida e das condições necessárias para a produção e a consequente acumulação do capital. Ao mesmo tempo, foi imprescindível tornar esse trabalho todo invisível e subordinado e convencer as mulheres que o têm que fazer caladas, agradecidas e que recusar fazê-lo lhes retira a sua própria identidade. Por isso, os trabalhos das mulheres e raparigas têm sido qualificados como não-trabalho. No entanto, são eles que garantem as condições sem as quais a vida não pode existir durante todas as crises ambientais, alimentares, sanitárias, alimentares, de segurança, políticas e económicas.

Pensar sobre a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres e raparigas significa pensar criticamente, isto é, fazer perguntas à nossa realidade para ir além do que já sabemos e também daquilo que é óbvio. O objectivo principal deste Módulo tem duas dimensões principais. A primeira é desnaturalizar as discriminações, as opressões e os privilégios que existem com base nas diferentes identidades sexuais e expectativas construídas em torno delas; a segunda é reactivar as potencialidades do conceito de Género para a transformação política e emancipatória do nosso mundo.

OFICINA DE PHOTOVOICE NAS RUAS: ONDE ESTÁ O MACHISMO?

Começa-se a Oficina com um percurso pelas ruas junto ao local de formação. São dois os objectivos:

- 1- Perceber como a cultura machista se materializa nos nomes das ruas (praticamente todas só com nomes de homens), nos cartazes de publicidade (outdoors), nos negócios de rua, entre outras coisas;
- 2- Aprender a usar o photovoice – fotografias que falam como ferramenta de registo, reflexão e análise;

O QUE É E PARA QUE SERVE O PHOTOVOICE E CONDIÇÕES PARA O PRATICAR

O QUE É - Photovoice é uma técnica participativa cujos referenciais teóricos são os princípios da educação para a consciência crítica de Paulo Freire, as teorias feministas e as abordagens não tradicionais da fotografia documental. Orienta-se para as pessoas membros de uma comunidade, reconhecidas como sujeitas da sua própria vida e estória. O Photovoice é uma técnica de reconhecimento das capacidades das pessoas de um território, comunidade ou grupo para caracterizá-lo, através da fotografia e chamarem à atenção de decisoras/es políticas/os, para viabilizarem as mudanças sociais necessárias. Produz informação qualitativa e descriptiva sobre a comunidade e os seus membros incorporando informação visual gerada pelas participantes. Aumenta a profundidade e a riqueza da informação recolhida. É eficaz como método de empoderamento pessoal e colectivo na identificação das suas necessidades e para ultrapassar barreiras culturais e linguísticas.

PARA QUE SERVE

- Capacitar as pessoas para identificar, registar e reflectir sobre forças e fraquezas pessoais e comunitárias reconhecendo o valor das suas experiências;
- Observar e registar contextos, lugares e acções;
- Promover o diálogo crítico e analítico sobre as condições sociais e as suas raízes através da discussão grupal sobre as fotografias produzidas pelo grupo;

CONDIÇÕES PARA O PRATICAR

A prática do photovoice implica sempre a existência de equipamento fotográfico como aqueles que existem nos telefones celulares e um espaço para a realização das reuniões de grupo e a apresentação das imagens. É importante a presença de uma/um facilitadora/or que deve possuir competências de trabalho comunitário e saber o máximo possível sobre esta metodologia e sobre a(s) cultura(s) da comunidade com a qual se vai trabalhar.

Para realizar o photovoice de forma correcta deve-se ter em conta o seguinte:

- Consultar a comunidade e as suas instituições, organizações, associações e outros grupos considerados importantes para ela se isso for aplicável ao objectivo do trabalho;
- Explicar os objectivos às/-aos participantes;
- Familiarizar as/os participantes com o *photovoice* e os possíveis riscos/reacções emocionais relativamente aos resultados; lembrar as questões éticas que podem estar implicadas no uso do photovoice como por exemplo o respeito pela privacidade;
- Obter o consentimento informado das pessoas que foram fotografadas;
- Definir um tema para as fotografias;
- Definir com as participantes os temas e os problemas a representar através das fotografias;
- Proporcionar tempo para fotografar;
- Reunir para discutir as fotografias que devem ser contextualizadas por cada uma/um das/os suas/seus autoras/es;
- Pedir que cada autora/or das fotografias escolhidas elabore uma legenda áudio;
- Imaginar em conjunto uma forma para partilhar as fotografias e as suas estórias com a comunidade, autoridades, instituições e população em geral.

**RODA DE CONVERSA
SOBRE RESULTADOS
DO PHOTOVOICE
E COM INPUTS
SOBRE CONCEITOS**

Depois de efectuar a oficina de photovoice – fotografias que falam passamos a uma Roda de Conversa com dois objectivos:

- 1- Proporcionar um momento de aprofundamento e clarificação de conceitos relacionados com o tema e a problemática do Módulo 2;
- 2- Abrir um espaço de análise e reflexão colectiva sobre os resultados do photovoice relacionando-os com os conceitos trabalhados

PEQUENO GLOSSÁRIO

SEXISMO

São normas culturais e comportamentos que discriminam segundo o sexo biológico da pessoa

MACHISMO

São normas culturais e institucionais e comportamentos que discriminam as mulheres com base no pressuposto da inferioridade delas.

GÉNERO

É a construção social da feminilidade e da masculinidade numa determinada cultura e tempo histórico.

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

São as construções sociais, culturais e históricas sobre o trabalho próprio dos homens e o trabalho próprio das mulheres

FEMINISMO

IGUALDADE DE GÉNERO

É a igualdade formal e efectiva entre as pessoas com diferentes identidades de género.

DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE

São os factores de impacto de ordem social que determinam o nível de bem-estar de saúde com que se vive e espera viver.

EMPODERAMENTO

Todas as acções e ideais que permitem dar poder ou devolver o poder de decidir sobre a sua vida e a vida da sua comunidade

ESTERÓTIPO

São imagens criadas acerca de pessoas ou grupos com base em ideias não fundamentadas mas que são difundidas como verdadeiras

PRECONCEITO

São comportamentos e ideias que efectivam a discriminação de certas pessoas ou grupos

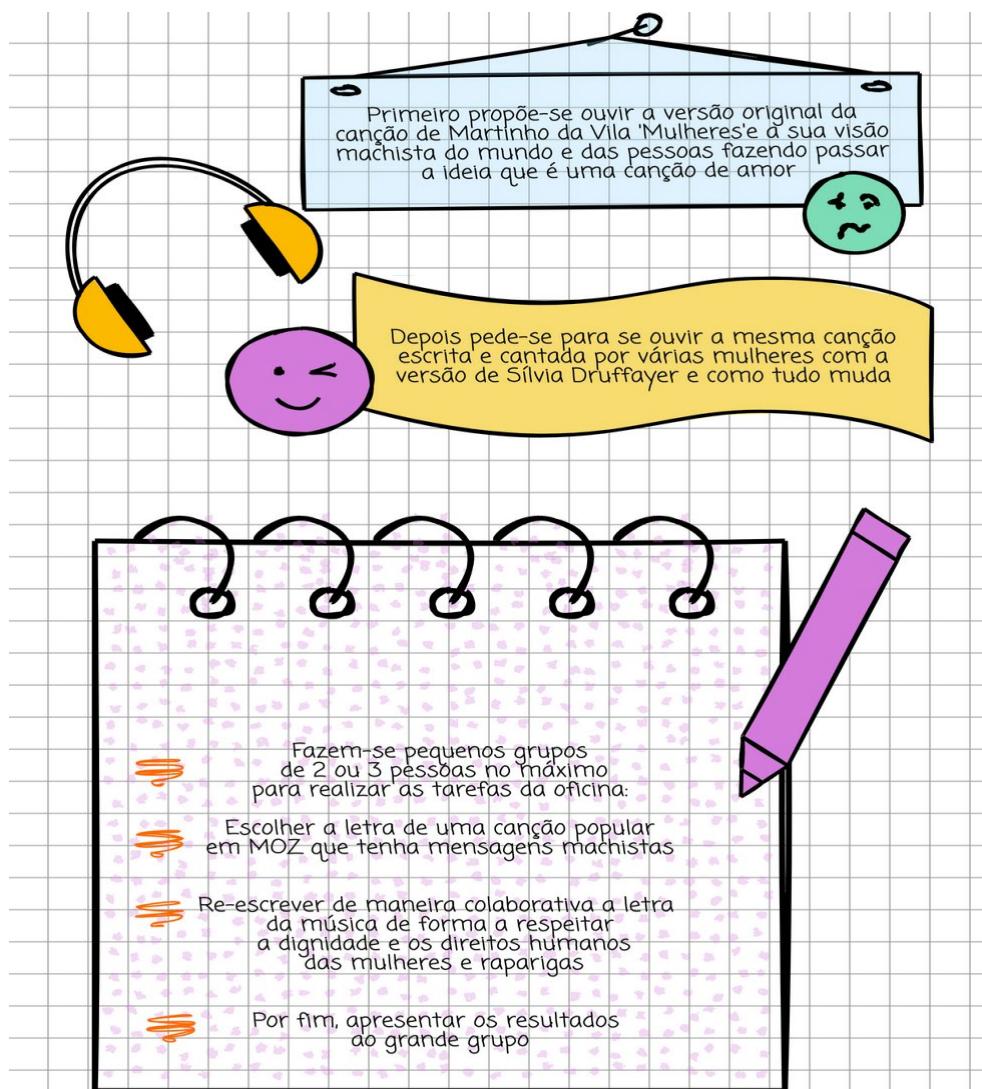
Ver mais em [manu](#)  de promoção de igualdade de género e de masculinidades não violentas

Oficina de Escrita Inclusiva e pelo Empoderamento das Mulheres

Partir da cultura popular que está presente no quotidiano de uma sociedade, perceber onde estão a ser passadas mensagens sexistas, na maioria das vezes machistas criando estereótipos e preconceitos que alimentam a discriminação, a subalternização e a violência contra as mulheres e raparigas.

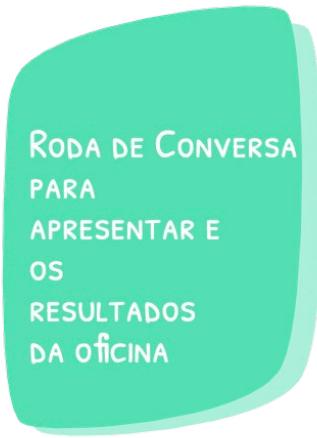
Esta Oficina de Escrita tem 3 objectivos principais:

- 1- Analisar um caso concreto de cultura machista numa produção artística;
- 2- Re-escrever uma letra de música popular em Moçambique em ordem ao empoderamento das mulheres tornando-as capazes de contra-produzirem narrativas feministas;
- 3- Permitir a mulheres e homens ter mais consciência como no nosso dia-a-dia estão muitas das raízes de uma sociedade patriarcal e machista que continua a diminuir e a violentar as mulheres e as raparigas;



Ouvir a canção 'Mulheres' por Martinho da Vila aqui: https://youtu.be/bN_tkd1xwkc

Ouvir a Canção 'Mulheres' por Doralice e Sílvia Druffayer aqui: <https://youtu.be/klnlPtOaqSs>



**RODA DE CONVERSA
PARA
APRESENTAR E
OS
RESULTADOS
DA OFICINA**

Nesta Roda de Conversa, depois de se apresentarem os resultados a que chegou cada grupo, passa-se a um momento de reflexão e conscientização. Este processo de reflexão e conscientização devem trabalhados três níveis e a intersecção entre eles:

SENTIR-SABER-FAZER

Para isso propõe-se as seguintes pistas para facilitar o diálogo:

SENTIR

- Que sentimentos e emoções experimentou durante a oficina: frustração, tristeza, alegria, raiva, empatia, outros?
- Quer explicar um pouco porquê e quando isso aconteceu?
- Do início ao fim da Oficina de Escrita sentiu sempre o mesmo ou foi mudando? Se mudou, porquê?
- E agora que o processo está a chegar ao fim, como se sente?
- Sente-se mais consciente e empoderada/o?

SABER

- O que aprendeu com esta Oficina?
- As aprendizagens que fez são úteis para se tornar mais consciente do quanto o machismo patriarcal está disseminado na nossa vida e na nossa cultura?
- Pensa que aprendeu como se pode pegar nas normas culturais disseminadas no quotidiano para mudar os imaginários e os comportamentos das pessoas quanto aos direitos humanos das mulheres e raparigas, ou não?
- O que gostaria de saber mais sobre este assunto?

FAZER

- Foi difícil realizar as tarefas da Oficina? Porquê?
- O que aprendeu a fazer nesta Oficina?
- Acha que pode aplicar as ferramentas desta Oficina a outros temas e outros contextos? Se sim, como e porquê?
- Saber fazer é uma competência importante para si? Porquê?

AVALIAÇÃO GERAL DA OFICINA

O que pensa da utilidade de uma oficina como esta para promover caminhos de empoderamento das mulheres e raparigas em Moçambique?

TRABALHO PARA CASA TPC

Termina-se este Módulo 2 com a explicação dos Trabalhos para Casa - **TPC**:

1- Ler os textos obrigatórios:

- Santos, Rita; Rolino, Tiago (2020), *Manual de Promoção de Igualdade de Género e de Masculinidades Não Violentas*. Coimbra: CES, 52 -56.
- McFadden, Patricia; Twasiima, Patricia (2018), 'Conversas feministas: situando as nossas ideias radicais e energias no contexto africano contemporâneo', *Reflexões Feministas*, 18 – 21.

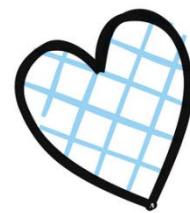
2- Fazer uma **Ficha de Leitura** de um dos textos à escolha de uma página com a seguinte estrutura:



- 1- Título e nomes das autoras do texto
- 2- Principais ideias do texto
- 3- O que aprendi com a leitura deste texto
- 4- Data e nome da/o autora/or da Ficha de Leitura

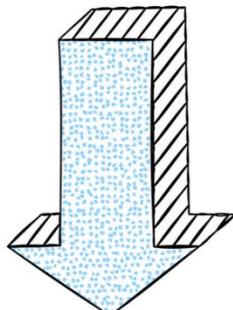
Módulo 3

Emergências Climáticas; causas e consequências



DURAÇÃO DO MÓDULO X

6h presenciais + 6h em casa



PASSO A PASSO

SUMÁRIO



Objectivos

- 1- Realizar uma análise crítica de conceitos como: crise climática, emergência climática, desastres climáticos, crise ecológica, biodiversidade, agroecologia
- 2- Problematizar as causas (antropocêntricas e androcêntricas) e as consequências da emergência climática dando especial atenção aos impactos na vida das mulheres;
- 3- Reconhecer a massa crítica contemporânea moçambicana para lidar com estes problemas;

Apresentação



Neste Módulo 3 vai-se desconstruir a ideia de que estamos a viver uma sucessão de desastres naturais devidos às crises climáticas e, portanto gerando emergências climáticas. Na verdade, o que se está a passar e que vamos problematizar neste módulo é que se trata de um modelo de desenvolvimento incompatível com a manutenção da vida em condições de assegurar o bem-estar das populações e territórios e da matriz que os sustenta que é a Terra e todas as criaturas vivas e não-vivas que sustêm a vida

ROTEIRO DO MÓDULO

01

02

03

04

05

VITAMINA:
'CUMPRIMENTOS'

RODA DE CONVERSA
SOBRE CONCEITOS

AS BIBLIOTECAS
VIVAS

AVALIAÇÃO
INTERMÉDIA
DO CURSO
DE
FORMAÇÃO

TRABALHO
PARA
CASA
TPC

VITAMINA: 'CUMPRIMENTOS'



Dá-se início ao Módulo com uma actividade a que se chama 'Vitamina'. A Vitamina pretende criar uma interacção divertida entre as/os participantes e gerar energia e boa disposição para trabalhar.

Neste Módulo 3 começa-se com a Vitamina chamada '**Cumprimentos**'

Pede-se às/aos participantes para se levantarem e caminharem lentamente pela sala ou o espaço escolhido para fazer a actividade.

Em seguida às indicações da/o facilitadora/or terão que cumprimentar as pessoas ao seu redor segunda a forma indicada:

- Cumprimentar com um abraço
- Cumprimentar com um beijinho na bochecha
- Cumprimentar com um forte aperto de mão
- Cumprimentar com três beijinhos na testa
- Cumprimentar juntando as mãos em posição de prece e inclinando-se para a frente

No final todas e todos voltam ao seu lugar na sala de trabalho.

Introdução

A ecofeminista indiana Vandana Shiva afirma que as catástrofes ambientais e ecológicas que temos vivido ou testemunhado não são desastres naturais. Os fenómenos climáticos extremos, as epidemias assim como as mudanças climáticas, são intrinsecamente antropogénicas, ou seja, causadas pelas actividades humanas no âmbito do modelo de desenvolvimento que está a ser seguido.

Porém, é necessário deixar claro que estes fenómenos têm dimensões e impactos tragicamente desiguais entre regiões, continentes e populações. É preciso reconhecer que as pandemias, as crises sanitárias, os desastres ambientais e os conflitos armados são produtos das desigualdades estruturais no mundo e aprofundam e reforçam essas mesmas desigualdades. A exclusividade dos privilégios que está subjacente a esta lógica de separação entre quem pode ter presente e futuro e quem pode ser descartado, faz com que muitos países e as suas populações sejam transformados em territórios de sofrimento e sacrifício. São milhões de seres humanos e não-humanos que são imolados para que se mantenham as cadeias de acumulação de lucros inimagináveis por parte de elites cada vez mais ricas e mais restritas e que se consideram proprietárias do mundo.

Porque é importante trazer para esta reflexão neste Curso? A principal razão é a que se prende com o facto destas condições reforçarem, de modo explícito, as vulnerabilidades a que a maioria das mulheres do mundo, em especial as de países como Moçambique. As populações atingidas mais duramente pelas cheias e os ciclones (Idai e Kenneth em 2019, Chalane em 2020, Eloíse em 2021, Jasmine e Gombe em 2022 e Freddy e Cheneso na primeira metade de 2023) não têm recursos suficientes para ultrapassar os problemas e perdas que daí advêm, nomeadamente em termos de habitação, abastecimento de água, alimentação e cuidados de

saúde primários. Do mesmo modo, as culturas alimentares perdem-se ou são largamente insuficientes para garantir uma nutrição básica para todas e todos. Estas situações geram emergências climáticas sucessivas com consequências que permanecem ao longo de muitos anos.

As consequências da emergência climática reflectem-se, entre outras coisas, numa maior incidência de pandemias, enchentes, deslizamentos de terra, furacões e, até, no aumento dos conflitos e das violências contra as mulheres. As mulheres estão entre os grupos mais vulneráveis à crise climática em diferentes aspectos. Segundo o relatório *Women in Finance Climate Action Group* aproximadamente 80% das pessoas deslocadas pelas mudanças climáticas são mulheres. As consequências podem ser devastadoras tal como foi [recentemente divulgado no Climainfo](#). Por exemplo, calcula-se que centenas de raparigas das regiões rurais do Zimbabué se tenham visto forçadas a prostituir-se depois de as secas e as cheias terem destruído as suas colheitas. Sem comida, além da má nutrição, ficam mais vulneráveis a todo o tipo de violências tanto dentro da família como quando precisam de se deslocar, cada vez para mais longe, para encontrarem água ou fazer uma machamba.

Por outro lado, sabemos que a maioria dos conflitos armados no mundo existem devido às disputas por recursos nomeadamente de água, terra, minerais, energéticos e de alimentos e ao controlo das rotas para a sua comercialização. Embora não seja o único factor que explica a guerra no centro e a guerra no norte do país é consensual que uma das suas causas mais importantes é a luta pelo acesso e controlo sobre os recursos existentes nas províncias atingidas, tanto por parte das elites nacionais, quanto regionais e globais. Estes conflitos armados têm provocado a destruição de infraestruturas essenciais (pontes, estradas, postos de saúde, escolas, postos administrativos); a morte de milhares de pessoas e a deslocação forçada de muitas centenas de milhar; o corte no abastecimento de bens essenciais à vida; o aumento drástico da concentração populacional nas sedes provinciais ou de distrito; o medo e o pânico generalizados; a normalização da violência como método de resolução de conflitos; o aumento da prostituição feminina como moeda de troca para acesso a bens essenciais à sobrevivência. Esta situação faz com que estas populações fiquem ainda mais vulneráveis às catástrofes ambientais, à desertificação do solo, à falta de terra e insumos para produzir a sua comida e à falta de ervas medicinais importantes para combater várias doenças e, as mulheres, uma vez mais, às violações sistemáticas dos seus Direitos Humanos.

O machismo estrutural do modelo de desenvolvimento em curso tira às mulheres a terra, a casa, a comida, a escola, a saúde, a segurança, a participação, a dignidade e a autoridade. Diante destes e de muitos outros exemplos, pensar em soluções sem levar em conta essas desigualdades de poder entre homens e mulheres, populações urbanas, ribeirinhas e camponesas é não querer ver a seriedade do problema, das suas causas e das suas consequências. Género, identidade sexual, classe social, território de origem e religião são factores determinantes para que os impactos do modelo de desenvolvimento, que gera as emergências climáticas e os conflitos armados, sejam vivenciados de formas e intensidades distintas assim como a capacidade para participar na busca de soluções adequadas e duradouras.

Há várias ações que devem ser adoptadas. Desde aumentar a participação das mulheres nas esferas de decisão relacionadas com as acções que devem ser implementadas, para levar em conta os impactos desiguais nas acções de mitigação e adaptação às mudanças climáticas; à configuração de outras políticas de desenvolvimento para terminar com as alterações climáticas e promover o respeito pela Mãe Terra e os corpos e mentes das mulheres; e elaborar democraticamente políticas públicas de justa redistribuição da riqueza e dos benefícios que os recursos que cada país possui para conseguir uma paz verdadeira e efectiva Igualdade de Género.

RODA DE CONVERSA SOBRE CONCEITOS

Esta Roda de Conversa inicial tem dois objectivos principais:

- 1- Proporcionar um momento de desconstrução de ideias feitas sobre crises e emergências climáticas;
- 2- Propor uma análise crítica de alguns conceitos e propor novos conceitos para compreender o que se está a passar no nosso planeta;

10 Conceitos sobre emergência climática, causas e consequências

Desastre climático

Quando uma alteração do clima se traduz numa catástrofe mais ou menos inesperada como são as cheias provocadas por chuvas intensas fora do tempo, ou os incêndios provocados pelo aumento anormal da temperatura no solo.

01

Emergência Climática

Pode ser entendida de duas maneiras. A mais comum é a emergência climática global, isto é, as alterações no sistema metabólico da Terra que já são irreversíveis pondo em risco a permanência da Vida no planeta. A segunda é a emergência territorial e humanitário que se segue a um desastre climático

02

Biodiversidade

Refere-se à diversidade de manifestações da vida existentes no nosso planeta e que, no sentido ecológico, são responsáveis por que a vida se mantenha e proprie

03

Desenvolvimento Extractivista

É um modelo de desenvolvimento baseado na extração intensiva e até descontrolada dos recursos minerais, energéticos, alimentares, piscatórios e outros, provocando enormes perdas humanas, destruição de habitats e dos territórios, guerra, violência e perda drástica da biodiversidade.

04

Androcentrismo

É a ideia ou sistema de defende que o 'homem-macho' deve estar no centro de todas as coisas porque é superior e, por isso, mais importante. Também se aplica aos privilégios acumulados pelos homens derivados do sistema de desenvolvimento extractivista.

05

Antropocentrismo

É a ideia ou sistema que considera que no centro de tudo está a humanidade desvalorizando a importância das demais criaturas vivas e não vivas para o equilíbrio ecológico e o bem-estar.

06

Agroecologia

É a forma de produzir alimentos sem venenos, sem sementes geneticamente modificadas respeitando os ciclos da terra e valorizando o trabalho das/os camponesa/es como quem realmente alimenta o Mundo.

07

Ecologia

É uma palavra composta por duas de origem grega Eco & Logos e que significa conhecer a nossa Casa que é nossa Mãe Terra. Assim ecologia significa em termos gerais conhecer como vive a Terra e como temos que fazer para a manter viva.

08

Desenvolvimento Sustentável

Refere-se a um modelo de desenvolvimento que não ponha em risco o futuro da vida no planeta. Para isso é necessário fazer alterações de fundo na forma como vivemos e como utilizamos os recursos gerados pela Terra.

09

Ecofeminismo

São um conjunto de movimentos sociais e de intelectuais que estudam e demonstram duas coisas principais: a relação entre a violência contra a Mãe Terra e a violência contra as mulheres; e como têm sido as mulheres que têm cuidado da vida em todas as suas formas no planeta



Ecofeministas africanas:

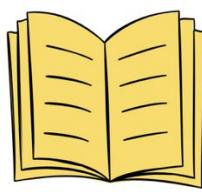
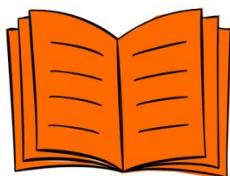
Zo Randriamaro
Patricia McFadden
Fatimah Kelleher
Sylvia Tamale
Samantha Hannigrove
Djamila Andrade
Ruth Nyambura
Wangari Maathai

AS BIBLIOTECAS VIVAS

As **Bibliotecas Vivas** é uma metodologia que preconiza uma troca horizontal de conhecimentos ao nível inter-geracional e inter-disciplinar e promove práticas de valorização das vozes e dos conhecimentos locais para encontrar respostas mais adequadas aos problemas vividos.

Para realizar as **Bibliotecas Vivas** convidam-se pessoas de referência sobre um tema e que funcionam como livros vivos com os quais as/os formandas/os podem interagir *lendo esses livros* conversando com as/os suas/seus autoras/es, fazendo perguntas sobre a sua experiência, conhecimentos e práticas.

BIBLIOTECAS VIVAS



Para este Módulo convidam-se 3 **Bibliotecas Vivas** com experiências diferentes, mas todas com muito interessantes para aprofundar conhecimentos e práticas sobre emergência climática e impactos nas vidas das mulheres.

As/os participantes terão acesso a uma curta biografia de cada uma das **Bibliotecas Vivas** para se prepararem para iniciar as suas conversas. Dirigem-se a uma das **Bibliotecas Vivas** à sua escolha e iniciam a conversa como acharem melhor. No decurso da conversa pode haver mais de que uma/um participante fazendo, nesse caso, uma **leitura colectiva**. Ao longo do tempo destinado a esta actividade incita-se a que cada formanda/o interaja com todas as Bibliotecas disponíveis.

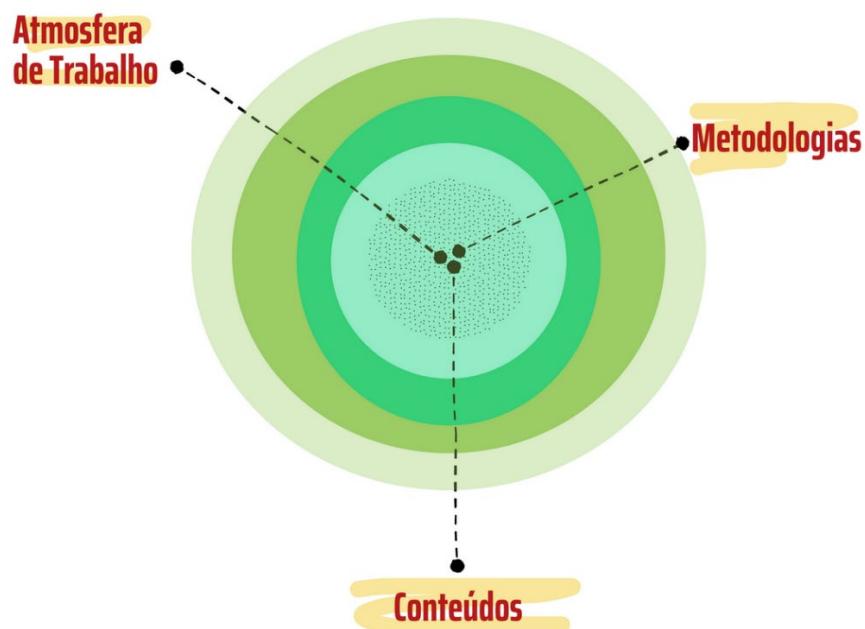
AVALIAÇÃO INTERMÉDIA DO CURSO DE FORMAÇÃO

Para realizar a avaliação intermédia do Curso utiliza-se a actividade ‘O alvo’ pois, com um só instrumento, conseguem-se 4 coisas:

- ▷ Uma avaliação qualitativa
- ▷ Uma avaliação quantitativa
- ▷ Uma avaliação anónima
- ▷ Uma avaliação que é simultaneamente individual e colectiva

Desenha-se num quadro, ou num papel gigante, ou no chão com giz, na terra com um pauzinho (basicamente utiliza-se o que se tem e está mais à mão) um Alvo que fica dividido em secções que correspondem aos critérios qualitativos e em diversos níveis que correspondem aos indicadores quantitativos que se pretendem avaliar. Mostra-se o alvo e explica-se o que contém e para que serve.

O ALVO



Este alvo tem três critérios qualitativos: atmosfera de trabalho; metodologias; e conteúdos. Tem uma escala de cinco níveis quantitativos:

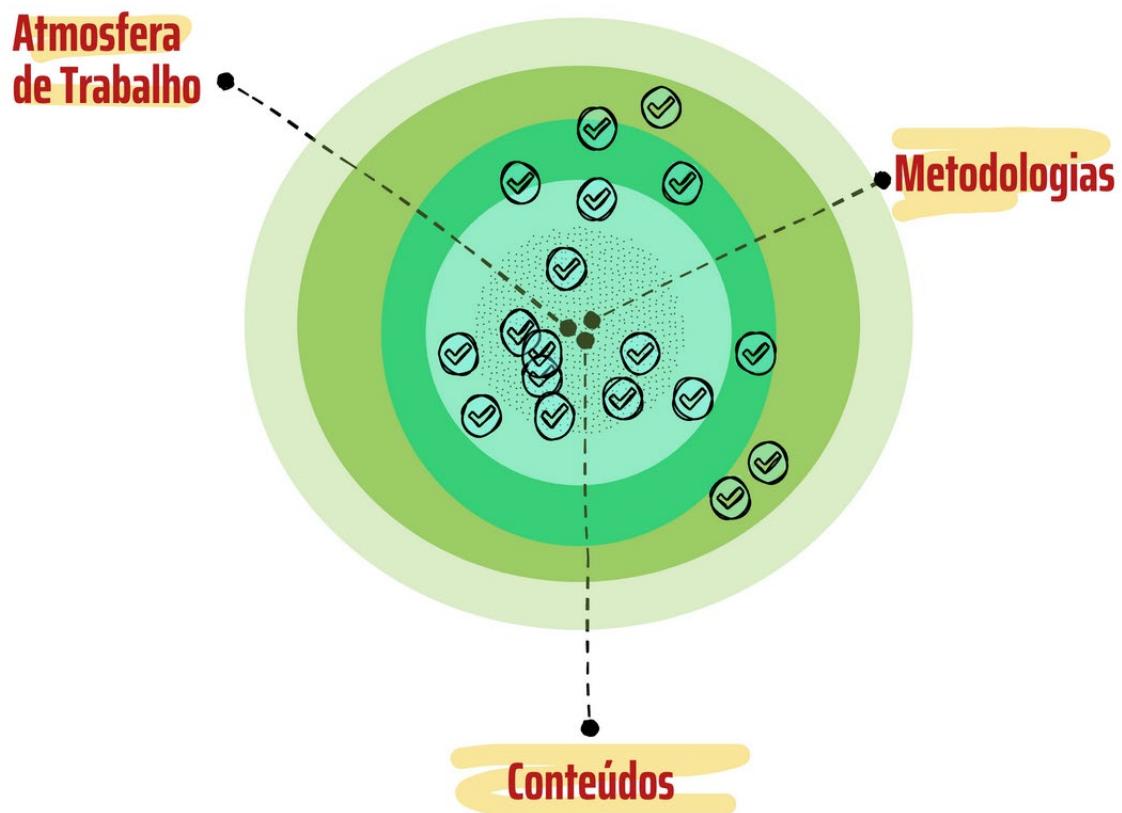
- ☹️ horrível
- ☹️ mau
- ☺️ suficiente
- ☺️ bom
- ☺️ excelente

A avaliação mais positiva de cada um dos critérios é junto ao centro do alvo; a avaliação mais negativa de cada um dos critérios é aquela que for marcada mais longe do centro do alvo.

Pede-se a cada uma/um das/os participantes que marque com uma cruz (bolinha, pedrinha) o lugar no alvo que corresponde à sua avaliação de cada um dos critérios. No final ter-se-á uma visão global e visual tanto da avaliação qualitativa quanto da avaliação quantitativa. Por outro lado, como o Alvo é constituído pelas marcas individuais, no final do processo pode-se ter uma imagem muito clara do resultado global da avaliação colectiva.

EXEMPLO:

O ALVO



Ficamos a saber o seguinte:

Atmosfera de trabalho: 6 excelentes

Conteúdos: 2 excelentes; 1 bom; 1 suficiente; 2 mau

Metodologias: 1 excelente; 1 bom; 3 suficiente; 1 mau

Isso significa que temos que melhorar bastante tanto a nível dos conteúdos como das metodologias

TRABALHO PARA CASA TPC

Termina-se este Módulo 3 com a explicação dos Trabalhos para Casa - **TPC**:

1- Escrever um texto de 150 palavras sobre o tema do módulo.

2- **Ler os textos obrigatórios:**

- Randriamaro, Zo (2018), 'Para além do extractivismo: Alternativas feministas para um desenvolvimento equitativo em termos sociais e de género em África', *Reflexões Feministas*, 2, Maputo: Fundação Friedrich Ebert;
- Meer, Shamin (2018), 'Armas, Poder e Política. Extractivismo, Militarização e Violência contra as Mulheres em Moçambique', Maputo: WOMIN – African Women Unite Against Destructive Resource Extraction.

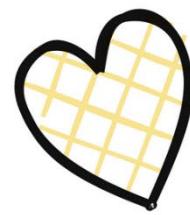
e fazer a **Ficha de Leitura** de uma página de um dos textos à escola com a seguinte estrutura:



- 1- Título e nomes das autoras do texto
- 2- Principais ideias do texto
- 3- O que aprendi com a leitura deste texto
- 4- Data e nome da/o autora/or da Ficha de Leitura

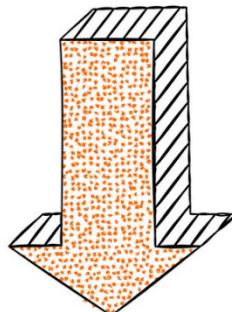
Módulo 4

Violências e metodologias sensíveis aos conflitos



DURAÇÃO DO MÓDULO

6h presenciais + 6h em casa



SUMÁRIO



Objectivos

- 1- Sensibilizar para as ligações entre violências e alterações climáticas;
- 2- Dar a conhecer diversos instrumentos para fazer face aos conflitos violentos e garantir o envolvimento e participação das mulheres na tomada de decisões para chegar à paz
- 3- Aprofundar a reflexão crítica individual e colectiva sobre a experiência de conflitos e desastres climáticos em Moçambique;

Apresentação



Neste Módulo 4 tratam-se conceitos como violência armada de alta e baixa intensidade, violência lenta, violência directa, estrutural e cultural, violência baseada no género, violência contra as mulheres, paz positiva e paz negativa, mulheres paz e Segurança. Por outro lado, realiza-se uma oficina sobre metodologias sensíveis aos conflitos e termina-se com uma proposta de acção concreta relativa à paz e à justiça social em Moçambique.

PASSO A PASSO

ROTEIRO DO MÓDULO

01

02

03

04

05

VITAMINA:
AS PALMAS

INTRODUÇÃO
VISIONAMENTO DO
DO DOCUMENTÁRIO
TERRA EM
SUSPENSO

RODA DE CONVERSA
SOBRE CONCEITOS
DE VIOLENCIAS
E
PAZES

OFICINA DE
METODOLOGIAS
SENSÍVEIS
AO CONFLITO

TRABALHO
PARA
CASA
TPC

VITAMINA: 'AS PALMAS'

Dá-se início ao Módulo com uma actividade a que se chama 'Vitamina'. A Vitamina pretende criar uma interacção divertida entre as/os participantes e gerar energia e boa disposição para trabalhar.

Neste Módulo 4 começa-se com a Vitamina chamada '**As Palmas**' que é uma actividade bem simples e divertida, mas requer atenção.

A facilitadora explica que cada pessoa do grupo deve inventar uma sequência de palmas diferente e executá-la, à vez, para todo o grupo.



Assim, cada pessoa executa a sua sequência de palmas para, em seguida, todo o grupo repetir exactamente o viu e ouviu. Procede-se assim até que todas as pessoas tenham inventado e dado a sua sequência de palmas.

Introdução

INTRODUÇÃO VISIONAMENTO DO Do Documentário 'TERRA EM, SUSPENSO'

A economia política ensina-nos que a emergência climática é uma das faces da violência extrema gerada e alimentada pela articulação sistémica do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo contemporâneos. O capitalismo transforma tudo em mercadorias, objectos de apropriação e exploração para a acumulação de capital e poder do 1% (a maioria dos quais são homens, brancos, que vivem no norte do planeta e são mais velhos). O colonialismo, que ainda não acabou, apenas actua com outras políticas e expressões sociais, transforma os territórios - que são sistemas de vida complexos e diversos - em campos de guerra, de conquista, de aniquilação e de ocupação para, através destas acções, conseguir a máxima exploração e o reforço do poder do tal 1%. O patriarcado divide a

humanidade em seres com dignidade máxima e seres com dignidade ofendida, obliterada. Esta divisão, enquanto for inventada e socialmente construída, transforma-se em desigualdades materiais, simbólicas, políticas e ontológicas que constituem as raízes e as opções aceitáveis do capitalismo e do colonialismo.

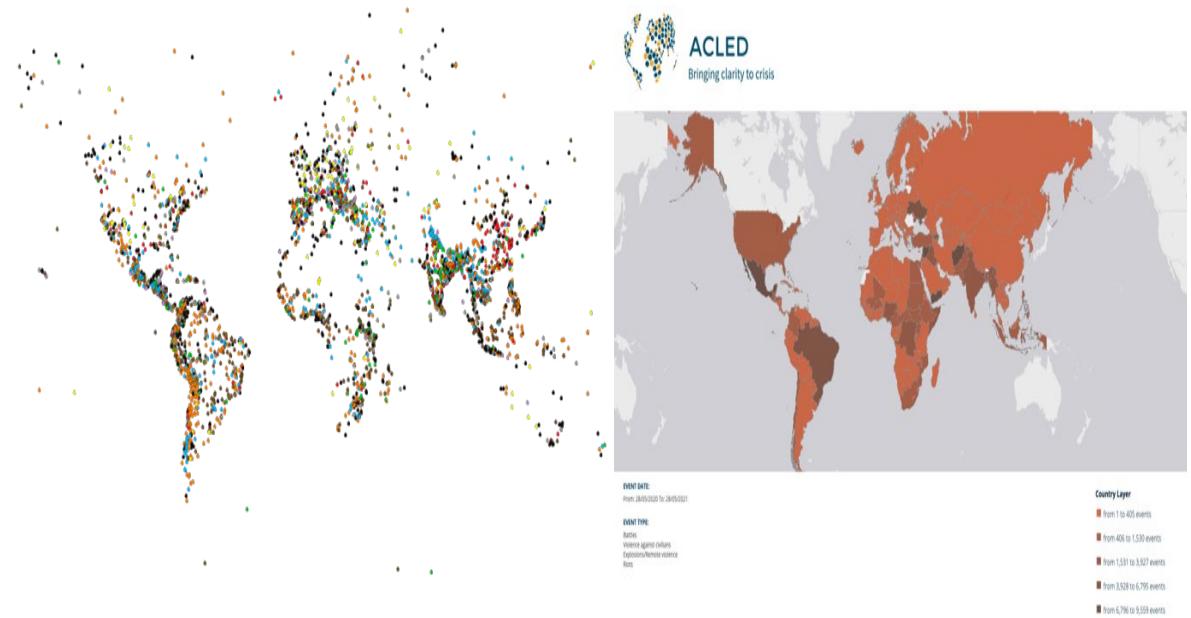
Apresentam-se dois exemplos concretos desta economia política de destruição e destituição da dignidade dos seres e contra a vida em todas as suas formas.

O primeiro é o seguinte: ao nível do mundo, 22 homens têm mais riqueza do que todas as mulheres de África. Isto significa que mais de 671 milhões de mulheres africanas, somando todas as suas riquezas, não conseguem acumular a mesma quantidade de dinheiro que apenas duas dúzias de homens possuem. E, se tivermos em conta as desigualdades internas que existem no continente, isto significa que quase todas as mulheres

africanas são verdadeiramente miseráveis no sentido de não terem os recursos materiais e simbólicos para poderem viver uma vida digna de ser vivida, com conforto, com respeito por si próprias, pelos seus corpos e conhecimentos, sem medo e sem violência.

O segundo pode ser percebido através da observação de dois mapas. O primeiro é o mapa dos conflitos ambientais disponível no sítio Web do Atlas da Justiça Ambiental. O segundo é o mapa dos conflitos violentos que estão a ocorrer nos dias de hoje e está disponível no sítio Web do ACLED - Armed Conflict Location & Event Data Project.

O que se pode constatar é que os conflitos ambientais e os conflitos violentos e militares quase se sobrepõem. Por outras palavras, não há exploração de recursos para a acumulação de capital e poder sem guerra; a guerra afecta mais, e de forma mais cruel, as pessoas vulneráveis que são, como sabemos, as mulheres, as raparigas, crianças e pessoas idosas.



Como afirma a ecofeminista Val Plumwood, vivemos na fase mais avançada do colonialismo e na forma mais violenta de apropriação capitalista em que o colonizador devora o colonizado e pretende criar um mundo escravo reduzido a uma simples paisagem que não resiste, que não se queixa porque já não tem voz nem linguagem própria. Um mundo em que as pessoas que se sentem ou se representam como mulheres são parte dessa paisagem muda, pronta a ser conquistada, ocupada e, se necessário, aniquilada depois de esgotada ou se elas se tornarem rebeldes ou insurgentes.

Há duas contradições principais que constituem a base desta economia política:

(1) A primeira é a contradição entre o capital e a vida, baseada no seu androcentrismo: o homem no centro de tudo e como medida de todas as coisas. Graça às masculinidades dominantes, que são autoritárias, agressivas e violentas, o trabalho de criação e manutenção das condições imanentes e transcendentais à vida é desarticulado da produção e, portanto, do reconhecimento como trabalho produtivo para a economia. Com isso, a produção de desigualdades extremas, de acesso aos recursos e ao poder de decisão, bem como de sociabilidades pobres, que se baseiam mais no lucro pessoal do que na solidariedade comunitária/colectiva, trazem consequências incontornáveis que temos de enfrentar, como as alterações climáticas, a fome, a doença, a morte, a guerra e o esgotamento da Mãe Terra.

(2) A segunda é a contradição entre o capital e a natureza e o seu antropocentrismo.

Com as/os camponesas/es aprendemos que a Terra, e tudo o que ela sustenta e contém, é o outro nome que podemos dar ao que hoje chamamos de natureza. A conversão da Terra em natureza, ambiente e mercadoria é o primeiro sinal de que este modelo de desenvolvimento legitima a sua exploração e destruição. Assim se comprehende a violência associada à sua posse: a posse da terra para conquistar, possuir, dominar, domesticar e explorar. Esta forma de entender a relação da humanidade com o que convencionalmente chamamos de natureza, como se esta fosse um outro para lá de nós, humanos, é o que se chama o antropocentrismo do sistema capitalista.

A ecologia política vem demonstrando que o mundo é finito e a economia não é circular, ou seja, não é capaz de se reproduzir infinitamente sem gerar perdas ou degradação. A progressiva mercantilização de tudo, especialmente da terra (solo e subsolo), do ar e da água, a níveis nunca antes experimentados, e o metabolismo social daí resultante, está a conduzir a uma violência cada vez mais degradante e mortal em todo o mundo. As alterações climáticas e as situações de emergência fazem parte desta situação.

Por estas razões, as ecofeministas, incluindo as africanas, defendem os seguintes princípios:

- 1- A vida é pluriversa e todas as formas de vida são interdependentes.
- 2- Não é a natureza que nos pertence: somos nós que pertencemos à natureza.
- 3- O cuidado com a vida é tarefa de todas e todos e não faz sentido que o cuidado com a vida seja uma pretensa essência das mulheres e meninas.
- 4- A exploração e a violência contra seres que se pensam e se veem como femininos são uma parte estrutural do mesmo sistema que despreza a vida e coloca o capital no centro. A luta contra a violência contra as mulheres e as raparigas faz parte da luta contra as violências que provocam as alterações climáticas e as emergências climáticas.
- 5- Não se pode mudar o clima sem mudar o paradigma colonial capitalista e patriarcal que se baseia na guerra e na morte contra a Terra e contra a vida em todas as suas formas.
- 6- Não há soluções individuais: só sobreviveremos em comunhão.
- 7- Nada pode permanecer como dantes. Ao contrário: tudo tem que mudar para que a vida possa ser bem vivida por todas e todos.

Tendo tudo isso em consideração é muito importante perceber que temos que desenvolver capacidades individuais e colectivas sensíveis aos conflitos pois, certamente, os vamos encontrar e, com eles teremos que saber lidar. Assim, todas as intervenções sociais e formativas devem garantir que não aumentam, inadvertidamente, as tensões sociopolíticas existentes, mas que aproveitam todo o potencial existente para reforçar a coesão social e a paz.

Os conflitos são inerentes ao ser humano. São formas de exprimir as nossas contradições, os nossos interesses e motivações em relação às outras pessoas. Os conflitos não são necessariamente negativos; pelo contrário, quando aprendemos a geri-los podem revelar-se uma ferramenta construtiva e criativa para podermos construir um mundo melhor para todas e todos. No entanto, quando os conflitos se tornam violentos, quando aumentam as desigualdades, quando oprimem as comunidades, quando destroem a natureza, quando fracturam as sociedades, então sim, são conflitos que prejudicam a vida vão contra a dignidade humana de todas e todos.

A sensibilidade aos conflitos é, por conseguinte, uma lente para olhar a realidade, um instrumento de gestão de programas/projectos, bem como uma questão de atitude e comportamento pessoal. De acordo com esta definição de sensibilidade ao conflito, tomar o contexto e os conflitos existentes como ponto de partida para planejar uma intervenção e adaptar todos os seus aspectos, inclui, entre outras coisas, pensar na forma como intervimos, as nossas estruturas de trabalho e os princípios, valores e políticas que aplicamos.

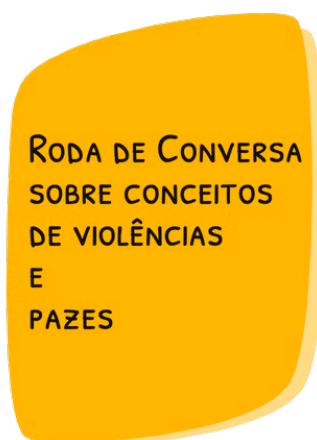
Uma análise adequada do conflito/contexto é a base de uma abordagem sensível ao conflito. Uma análise regular do conflito ajuda-nos a identificar possíveis interacções negativas e positivas permitindo-nos, assim, adaptar as nossas intervenções de forma a diminuir algum impacto negativo no contexto e reforçar a nossa contribuição para a paz. Para além de estarmos conscientes das realidades socio-económicas, é importante conhecer os actores, os principais motores do conflito, os elementos que dividem e unem a sociedade e a

dinâmica do conflito. A nossa análise do conflito tem de ser actualizada regularmente, partilhada entre os membros das organizações e documentada. Também temos de garantir que são incluídas as diferentes perspectivas dos diferentes actores.

VISIONAMENTO DO DOCUMENTÁRIO: 'Terra em Suspenso'

<https://vimeo.com/336109644>

Esta Roda de Conversa inicial tem três objectivos principais:



- 1- Clarificar conceitos importantes relativos a conflitos e violências;
- 2- Aumentar a consciência das múltiplas camadas de violência presentes na sociedade e, em particular, na vida das mulheres e raparigas;
- 3- Incentivar à acção pela paz e segurança no país;

Esta Roda de Conversa começa apresentando e pondo à discussão o seguinte conjunto de conceitos:

- ▷ **VIOLENCIA ARMADA**
- ▷ **VIOLENCIA ARMADA DE ALTA INTENSIDADE**
- ▷ **VIOLENCIA ARMADA DE BAIXA INTENSIDADE**
- ▷ **VIOLENCIA DIRECTA**
- ▷ **VIOLENCIA ESTRUTURAL**
- ▷ **VIOLENCIA CULTURAL**
- ▷ **VIOLENCIA BASEADA NO GÉNERO**
- ▷ **VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES E AS RAPARIGAS**
- ▷ **VIOLENCIA LENTA**
- ▷ **PAZ NEGATIVA**
- ▷ **PAZ POSITIVA**
- ▷ **PAZ LIBERAL**
- ▷ **PAZES**
- ▷ **MULHERES PAZ E SEGURANÇA**

PAZES E VIOLENCIAS

DEFINIÇÕES

VIOLENCIAS

VIOLENCIA ARMADA

Todo o tipo de dano e agressão com recurso a armas de todos os tipos como armas de fogo e armas brancas

VIOLENCIA ARMADA DE ALTA INTENSIDADE

É a violência armada que pela sua natureza e métodos provoca muitas mortes e muita destruição num determinado território a cada dia que passa

VIOLENCIA ARMADA DE BAIXA INTENSIDADE

É a violência armada que se prolonga e permanece no tempo num determinado território provocando um número contido de mortes e de episódios de destruição

VIOLENCIA DIRECTA

É o tipo de violência que atinge directamente os corpos das pessoas ou animais: provoca danos físicos e emocionais

VIOLENCIA ESTRUTURAL

É a violência que está relacionada com as estruturas sociais tais como: as desigualdades sociais, as desigualdades de género, as injustiças sociais e económicas

VIOLENCIA CULTURAL

É a violência que está inscrita nas culturas através de mitos, religiões, normas, comportamentos, estereótipos, preconceitos, racismo, sexism, machismo

VIOLENCIA BASEADA NO GÉNERO

É todo o tipo de violência dirigida especialmente ao género da pessoa. Pode ser contra as mulheres mas também contra pessoas trans, bissexuais, não binárias ou homossexuais

VIOLENCIA CONTR AS MULHERES E RAPARIGAS

É toda a violência dirigida especialmente às pessoas que se assumem como mulheres (de todas as idades) apenas porque são mulheres

VIOLENCIA LENTA

Corresponde a todos os tipos de violência, muitas vezes pouco visíveis, que se prolongam no tempo numa determinada sociedade em resultado de acontecimentos traumáticos. Podem resultar em stress-pós traumático por se ter estado envolvida/o em violências graves, doenças derivadas de venenos usados na agricultura intensiva, actividades extractivistas ou indústrias altamente poluentes

PAZES

PAZ NEGATIVA

A paz negativa é quando há um cessar fogo e as armas se calam. No entanto as causas dos conflitos não foram resolvidas e portanto a qualquer momento o conflito violento pode voltar

PAZ POSITIVA

A paz positiva é quando se calam as armas, há iniciativas de reconciliação, políticas de preservação da memória e reconhecimento dos crimes cometidos e se começam a resolver as causas próximas e profundas que deram origem ao conflito,

PAZ LIBERAL

Refere-se às políticas para conseguir chegar à paz negativa (calar as armas) através de medidas institucionais, governamentais e multi-laterais, se for o caso, sem haver um envolvimento directo e participado das vítimas e da sociedade em geral na busca de soluções

MULHERES, PAZ E SEGURANÇA

É uma política multi-lateral lançada pela ONU que tem dois objectivos principais: (1) reconhecer que as mulheres nunca estão fora dos conflitos quer como vítimas e/ou como perpetradoras e por isso não devem ser esquecidas nas análises sobre os conflitos e as guerras; (2) que a participação das mulheres é fundamental para chegar a uma paz duradoura e garantir a segurança presente e futura das populações e territórios



Oficina de Metodologias Sensíveis ao Conflito

A oficina de Metodologias Sensíveis ao Conflito tem dois objectivos principais:

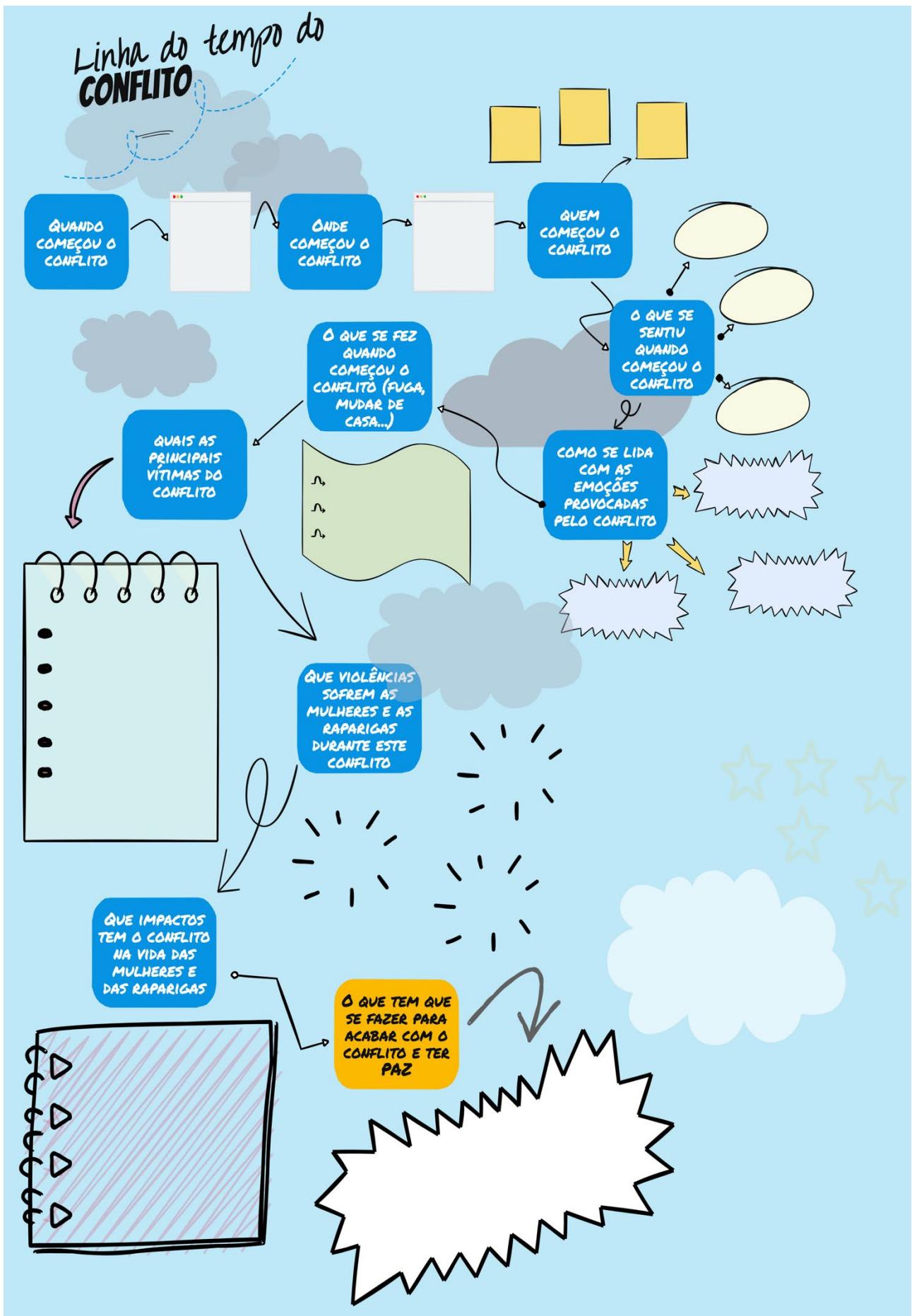
- 1- Analisar um conflito conhecido pelas/os participantes de maneira reflexiva e crítica;
- 2- Aprender a utilizar uma metodologia sensível ao conflito;

Antes de começar a oficina é muito importante saber que pensar e analisar um conflito relacionado com a emergência climática pode ser emocionalmente exigente e difícil. Por isso a/o facilitadora/or deve certificar-se que não existem vítimas directas do conflito que se irá analisar e deve obter um consenso sereno sobre o conflito a analisar.

Por outro lado, uma metodologia sensível ao conflito é aquela que permite pensar, analisar reflectir sobre ele, mas sobretudo trabalhar as possíveis soluções para o transformar numa oportunidade de pacificar as mentes das pessoas e os grupos envolvidos e começar a imaginar como se poderão resolver as suas causas e consequências.

Além disto a/o facilitadora/or deve manter-se sempre extremamente atenta e vigilante a qualquer sinal de sofrimento ou stress de alguma pessoa ou do grupo. Deve saber parar, dar espaço para a palavra ou para o silêncio segundo aquilo que as pessoas envolvidas considerem melhor.

Estando salvaguardadas as condições de base começa-se a pensar e a analisar o conflito escolhido consensualmente elaborando pouco a pouco, em papel gigante ou usando outro suporte adequado (pode ser um quadro negro grande ou quadro branco; pode ser no chão usando giz; pode ser na aplicação Padlet) uma linha do tempo do conflito e as reflexões sobre ele como o exemplo que a seguir se mostra.



**TRABALHO
PARA
CASA
TPC**

Termina-se este Módulo 4 com a explicação dos Trabalhos para Casa - TPC:

- 1- Escrever uma carta ao Ministro da Agricultura e Desenvolvimento Local Celso Correia sobre os problemas vividos e as demandas ao governo

**Carta ao Senhor Ministro da Agricultura e
Desenvolvimento Local, Celso Correia**

Maputo,

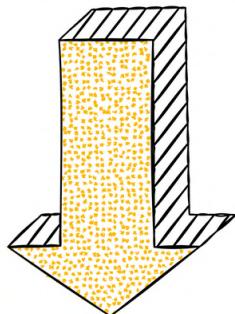
The image shows a set of horizontal lines for handwriting practice. There are two sets of lines: a top set of three lines (two solid top lines and one dashed midline) and a bottom set of five lines (two solid top lines, one dashed midline, and two solid bottom lines). These lines are designed to help with letter formation and alignment.

Módulo 5

Avaliando o processo e os resultados



DURAÇÃO DO MÓDULO X
6h presenciais + 6h em casa



PASSO A PASSO

SUMÁRIO



Objectivos

- 1- Proceder a uma avaliação do processo de formação tendo em consideração o plano de formação, os seus conteúdos e metodologias assim como a comunidade de aprendizagem criada;
- 2- Apresentar e analisar colectivamente um dos resultados de aprendizagem mais importantes desta formação que é o portfólio;
- 3- Aplicar um instrumento de avaliação final quali & quanti;

Apresentação



Este Módulo 5 é dedicado à avaliação tanto do processo quanto dos resultados do Curso de Formação. Em qualquer processo formativo, educativo e de capacitação a avaliação ex ante, durante e ex post é um elemento central e não deve ser reduzida à aplicação de um mero inquérito/questionário. Neste sentido, neste módulo abre-se espaço para a apresentação dos portfólios individuais para serem comentados pelo colectivo numa dinâmica de retro-alimentação (resultados) seguindo-se por um momento de reflexão escrita tendo em vista o processo proporcionando elementos avaliativos qualitativos e quantitativos

ROTEIRO DO MÓDULO

01 02 03 04 05

VITAMINA:
'EMPAТИA'

RODA DE CONVERSA
PARA A
APRESENTAÇÃO
DOS
PORTFÓLIOS
INDIVIDUAIS

APRESENTAÇÃO
DO MANUAL
DE FORMAÇÃO E
RECOLHA DE
COMENTÁRIOS

A ÚLTIMA
AVALIAÇÃO DO
CURSO DE
FORMAÇÃO

FOTOGRAFIA
DE
FAMÍLIA



VITAMINA: 'EMPATIA'

Dá-se início ao Módulo com uma actividade com o nome '**Empatia**' que tem dois objectivos:

- 1- Fortalecer a comunidade de aprendizagem criada
- 2- Ser capaz, no futuro, de protagonizar outros e novos espaços de formação-educação-capacitação com metodologias criativas, colaborativas e participativas, capazes de pensar o mundo e agir sobre ele para o transformar.

A/O facilitadora(or põe à disposição do grupo folhas de papel (A4 cortadas em 4 pedaços) e alfinetes. Em seguida pede a cada formanda/o para ir escrevendo em cada pedaço de papel as qualidades (pontos positivos) que considera mais importantes de cada uma das pessoas integrantes do grupo.

Cada formanda/o faz este exercício para cada uma das pessoas do grupo. Em seguida, pede-se a todas/os que se levantem dos seus lugares e, de forma cautelosa, vão prendendo com um alfinete nas costas das roupas da pessoa a quem dirige o elogio. Isto vai provocar uma grande movimentação porque, ao mesmo tempo, há pessoas a receberem elogios e a darem elogios através dos pedaços de papel escritos e alfinetados nas costas das suas roupas.

No final, todas e todos deverão ir lendo, nas costas das/os suas/eus companheiras/os de formação os resultados e devem expressar os seus sentimentos sobre o processo e o resultado da Vitamina.



RODA DE CONVERSA PARA A APRESENTAÇÃO DOS PORTFÓLIOS INDIVIDUAIS

Começa-se a Roda de Conversa por recordar o que é e para que serve um portfólio como instrumento de aprendizagem e de avaliação de um processo formativo.

Lembra-se também qual a estrutura do Portfólio deste Curso de Formação e esclarece-se que a versão apresentada nesta Roda de Conversa é preliminar. A versão final do Portfólio deverá ser entregue à equipa de formação até duas semanas depois do fim do Curso e deverá ter em conta os comentários e sugestões que forem oferecidos nesta Roda de Conversa.

O que é e para que serve o Portfólio

Um Portfólio educativo/formativo é um conjunto sistematizado de diversos tipos de documentos (escritos, desenhos, fichas de leituras, fotos, hiperligações, entre outros) que mostram e registam o caminho percorrido num processo de aprendizagem. Portfólio pode ter vários tipos de suporte: pode ser feito com base em papel; poder ser digital; pode ser um documentário. O suporte bem como a estética de apresentação é da responsabilidade da/o sua/seu autora/or.

Quanto mais criativo e completo for o Portfólio mais importante ele é para a auto-aprendizagem e avaliação do processo

Estrutura do Portfólio

- 1- Cartografia sobre de onde vimos, para onde queremos ir, a motivação para frequentar este Curso e sobre as suas capacidades, expectativas e necessidades de formação
- 2- Ficha de leitura do texto obrigatório do módulo 1 (pode ser escrita, desenhada, com colagens ou fotografias legendadas)
- 3- Ficha de leitura do texto obrigatório do módulo 2 (pode ser escrita, desenhada, com colagens ou fotografias legendadas)
- 4- Texto de 150 palavras sobre o tema do módulo 3
- 5- Ficha de leitura do texto obrigatório do módulo 3 (pode ser escrita, desenhada, com colagens ou fotografias legendadas)
- 6- Carta ao Ministro da Agricultura e do Desenvolvimento de Moçambique Celso Correia sobre os problemas vividos e as demandas ao governo
- 7- Ficha de avaliação final do Curso



Cada Formanda/o terá 5 minutos, no máximo, para apresentar o seu Portfólio ao grupo e mais 5 minutos para receber feedback¹.

APRESENTAÇÃO DO MANUAL DE FORMAÇÃO E RECOLHA DE COMENTÁRIOS

Para ir finalizando o processo formativo com as características de uma Educação Popular Feminista comprometida com as transformações sociais desejadas, é importante partilhar e ouvir o grupo de formandas/os sobre a versão pré-final do Manual de Formação já que se espera que seja um documento que deve ser manuseado e utilizado em futuras intervenções educativas.

Assim, reserva-se um espaço para a facilitadora apresentar os objetivos, a abordagem, a estrutura e os conteúdos do manual e receber comentários e sugestões.

A ÚLTIMA AVALIAÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO

A última avaliação do Curso de Formação, como se diz na apresentação do Módulo, tem três objetivos principais:

- 1- Proporcionar um espaço de reflexão crítica, com base em critérios de avaliação, do processo de formação;
- 2- Coligar informação quantitativa, com base em diversos indicadores de avaliação, sobre a pertinência, utilidade e qualidade do Curso de Formação;
- 3- Criar um espaço de recolha de sugestões de melhoria;

No seguimento da introdução da abordagem e objetivos da avaliação final explicam-se os dois instrumentos que vão ser utilizados: um com uma abordagem qualitativa e outro com uma abordagem quantitativa.

Pede-se às/-aos formandas/os então que preencham os documentos que lhes serão entregues.

¹ Para um grupo de 15 pessoas este processo demora duas horas e meia; se forem 20 pessoas o processo demora três horas e meia.

Quanti

Começa-se pela avaliação quantitativa com 12 indicadores que contêm elementos de auto-avaliação e hetero-avaliação:



Pede-se às/aos formandas/os que numa escala de 0 a 10 avaliem cada um dos critérios, sendo que o 1 corresponde à pior avaliação e o 10 à melhor

Quali

Para efectuar a avaliação final qualitativa e por uma questão de consistência usam-se os mesmos critérios da avaliação intermédia acrescentando um critério de auto-avaliação.

É importante, neste caso, as avaliações serem datadas e assinadas para promover a responsabilidade das/os formadas/os e também para a equipa de formação perceber melhor as respostas dadas por cada pessoa em termos das suas expectativas iniciais e usar da melhor maneira as aprendizagens efectuadas para posteriores Cursos de Formação ou de Capacitação. Usa-se o instrumento seguinte para registo.

ESCREVA EM CADA QUADRANTE COMO AVALIA OS SEGUINTE CRITÉRIOS

A minha participação e o meu desempenho	A atmosfera de trabalho
As metodologias utilizadas	Os conteúdos

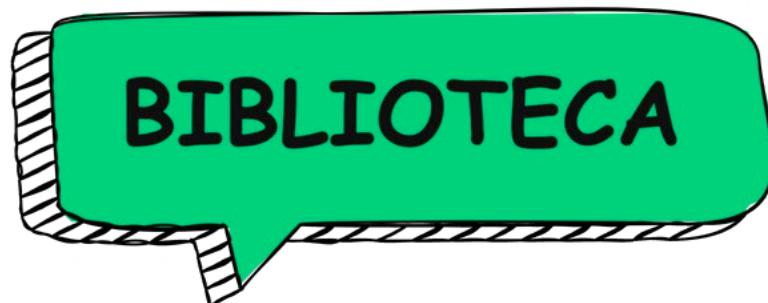
Data:

Assinatura:

FOTOGRAFIA DE FAMÍLIA

Termina-se o Curso de Formação com uma fotografia de família com toda a equipa e formandas/os





- Acevedo, Carolina; Vicente, Carlos; Vicente, Lúcia (coord.) (2020), *Atlas del agronegócio transgénico en el Cono sur. Monocultivos, resistencias y propuestas de los pueblos*, 1^a ed., Buenos Aires: Acción por la Biodiversidad.
- Amnesty International (2023), *Amnesty International 2022/2033. The State of the world's Human Rights*, London: Amnesty International Ltd.
- Boutros, Boutros-Ghali (1992), "An agenda for peace: preventive diplomacy, peacemaking and peace-keeping: report of the Secretary-General pursuant to the statement adopted by the Summit Meeting of the Security Council". New York - UN Department of Public Information.
- Butler, Judith *et al.* (2023), *Cartografias de género*, 1^a edição, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO.
- Castro, Gloria Cristina; Korol, Cláudia (comp.) (2016), *Feminismo Populares. Pedagogías y políticas: Aprendizajes compartidos y voces desobedientes de Colombia, Argentina, Brasil, Venezuela, Paraguay, Palestina e Cuba*. Buenos Aires: América Libre.
- Centro de Competências para a agricultura familiar e sustentável da CPLP (2022), "Construção de capacidades, intercâmbios de experiências e cooperação", Informativo nº 6, 1-6. Consultado a 30.04.2023 em https://conectagroecologia.net/images/biblioteca/INFORMATIVO_6_5d.pdf
- Conselho de Segurança das Nações (2000), "Resolução 1325" adoptada pelo Conselho de Segurança em sua 4213^a sessão, celebrada em 31 de Outubro de 2000, 1-4. Consultado a 30.04.2023 em <https://www.gov.br/mre/pt-br/media/1325-2000-pt.pdf>
- Cunha, Teresa; Silvestre, Sandra (org.) (2008), *Somos Diferentes, Somos iguais – Diversidade, Cidadania e Educação*, Granja do Ulmeiro: Acção para a justiça e Paz.
- Cunha, Teresa; Valle, Luísa Pinto (2019), "O respeito à economia da vida e as pedagogias ecofeministas. Reflexões sobre a prática da agro-ecologia e do Hamutuk". *Otra economia*, 12, (22), 238-252.
- De Moura, Ana Carolina de Oliveira Salgueiro; Laurino, Debora Pereira (2014), "Nós Reflexivos: a cartografia como estratégia metodológica/ Reflective Knots: cartography as a methodologicaly strategy". *Revista Polis e Psique*, 4 (3), 86-105.
- Eguren, Iñigo Retolaza (2022), *Facilitación de procesos com múltiplas partes interessadas. Un kit de herramientas*. Rikolto.

- Gomes, Rui (Coord.) (2000), *Farol – Manual de educação para os Direitos Humanos com os Jovens*. Coimbra: Humana Global.
- Guelman, Anahí et al. (2020), *Educación Popular. Para una pedagogia emancipadora latinoamericana*, 1ª edição, Argentina: CLACSO.
- Hanlon, Joseph (ed.) (2023a), “Mozambique 625 New reports and clippings”. Consultado a 30.04.2023, em [https://www.open.ac.uk/technology/mozambique/sites/www.open.ac.uk.technology.mozambique/files/files/Mozambique_625-2Apr23_\\$35bn-for-climate_Karpower_Mpanda-Nkuwa.pdf](https://www.open.ac.uk/technology/mozambique/sites/www.open.ac.uk.technology.mozambique/files/files/Mozambique_625-2Apr23_$35bn-for-climate_Karpower_Mpanda-Nkuwa.pdf)
- Hanlon, Joseph (ed.) (2023b), “Mozambique 624 New reports and clippings”. Consultado a 30.04.2023, em https://www.open.ac.uk/technology/mozambique/sites/www.open.ac.uk.technology.mozambique/files/files/Mozambique_624-30Mar23_Climate%2BFreddy_Pascoal-Mocumbi.pdf
- Harling, Louise; Charia, Nicole Lesli (2023), “Women’s role in the Climate Emergency”. 1-7. Em <https://carbonliteracy.com/womens-role-in-the-climate-emergency/>
- INEE (2013), *Manual sobre Educação sensível às questões de Conflito*, Nova Iorque: INEE – Rede Interinstitucional para Educação em Situações de Emergência.
- Krenak, Ailton (2019), *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ª Edição, São Paulo: Companhias das Letras.
- Krenak, Ailton (2020), *O amanhã não está a venda*. 1ª Edição, São Paulo: Companhia das Letras.
- Laurent, Carolina; Machado, Isadora vier (Coord.) (2022), *Vamos falar sobre violência sexual na universidade?*, 1ª edição, São Paulo: Maringá.
- Mcfadden, Patrícia; Twasiima, Patrícia (2018), “Conversas Feministas: Situando as nossas conversas radicais e energias no contexto africano contemporâneo”, *Reflexões feministas*, 1, 1-23.
- Oliveira, Margarita, et al. (2021), *A dimensão de género no Big Push para a sustentabilidade no Brasil. As mulheres no contexto da transformação social e ecológica da economia brasileira*, Santiago e São Paulo: CEPAL e Fundação Friedrich Ebert-Stiftung.
- Pinto, Luís Castanheira (2005) “Sobre a educação Não-formal”, Inducar. 1-5.
- Santos, Rita; Rolino, Tiago (2019), *Manual de Promoção de igualdade de género e de Masculinidades Não Violentas*, Coimbra: Centros de Estudos Sociais.
- Schenerock, Angélica (coord.) (2018), *Cartografías feministas – para la defensa del Territorio Cuerpo e Tierra en contra del extractivismo*, Chiapas, Agua y Vida.
- Shiva, Vandana (ed.) et al. (2019) *Alimento para a Saúde. Biodiversidade para um Planeta Saudável e Pessoas Saudáveis*, 1ª Edição, Roma e Firenze: Navdanya International.
- Siteo, Yolanda (2010), “Os direitos humanos das mulheres e a persistência da desigualdade e da discriminação”, *Outras Vozes*, nº 31-32, 29-34.
- United Nations [s.d], fact Sheet. “Women, Gender Equality and Climate Change”. Consultado a 30.04.2023 em https://www.un.org/womenwatch/feature/climate_change/factsheet.html

- Womin [s.d], Armas, "Poder e Política. Extractivismo, Militarização e Violência contra as Mulheres em Moçambique". 1-16.
Consultado a 02.05.2023 em
https://womin.africa/wp-content/uploads/2020/09/Mozambique_Activist-Guide_Portuguese_FINAL.pdf
- Zandriamaro, Zo (2018), "Para além do extractivismo: alternativas feministas para um desenvolvimento equitativo em termos sociais e de género em África.", *Reflexões feministas*, nº 2, 1-22.

RESUMO

Já ninguém duvida que estamos a viver uma emergência climática a nível global. As catástrofes ambientais e ecológicas que temos testemunhado não são desastres naturais, elas são causadas pelas actividades humanas no âmbito de um modelo de desenvolvimento que se baseia na destruição dos ecossistemas e da biodiversidade, que reforça as desigualdades sociais e que não se poderia sustentar sem o trabalho não-pago da maioria das mulheres do mundo e sem a sua discriminação em todas as esferas da vida. O conjunto articulado de todos estes processos de exploração e opressão são as causas profundas das alterações climáticas.

É sobre estas ideias que pretendemos debater e aprender neste curso de *"Igualdade de Género e Empoderamento das Mulheres em Contexto de Emergência Climática"*, criando uma comunidade de aprendizagem e de práticas que nos fortaleçam agora e no futuro para sermos sujeitas/os da nossa história. Este Curso de Formação está baseado numa Educação Popular Feminista que é uma intervenção social e educativa com um horizonte político: a transformação democrática e inclusiva da nossa vida e da nossa sociedade.

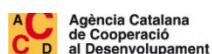
AUTORAS: Teresa Cunha, Nzira de Deus e
Djamila Andrade

1^a Edição: Maio de 2023
Maputo

ORGANIZAÇÃO



FINANCIAMENTO



Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da Agència Catalã de Cooperação para o Desenvolvimento (ACCD) no âmbito do projecto "Contribuir para a defesa, garantia e exercício de uma vida livre de violência das mulheres de Maputo – Fase III". O conteúdo desta publicação é da responsabilidade exclusiva das suas autoras, da medicusmundi e do Fórum Mulher, e não reflecte necessariamente a opinião da ACCD nestas matérias.